

TRÊS QUATRO

Jornal Laboratório Comunicação UFRGS Setembro 85

Novos programas
na Rádio UFRGS
para conquistar
mais ouvintes

Festival de
siglas no
recomeço da
democracia



Uma espera de 26 anos

Fabico inaugura estúdio de tv
26 anos depois da primeira emissora gaúcha



João Otávio Ness

O reitor Francisco Ferraz entrega
o estúdio de televisão
ao jornalismo

Comunidade faz esporte e lazer na ESEF e Brigada

Equipamento esportivo
da ESEF auxilia
interessados em esporte



Wallace Lehmann

Velhos vícios

Passada a euforia de uma Nova República, o povo brasileiro se defronta com uma realidade conturbada, devido, em grande parte, à indefinição ideológica dos partidos e ao retorno das antigas práticas populistas, que se nutrem da falta de exercício político dos últimos vinte anos. A multiplicação de siglas partidárias — a maioria delas sem o menor respaldo popular — comprova que o aventureirismo político ainda encontra espaço no País. Políticos-profissionais, derrotados nas convenções, utilizam-se destes partidos como meio de realizar seus projetos pessoais, demonstrando que a vaidade, muitas vezes, se sobrepõe às convicções.

Não é apenas nos novos partidos que a indefinição ideológica transparece. Os chamados "grandes", que se estruturaram durante a Velha República, têm encontrado dificuldade de atuar em um País que tenta construir uma democracia. Com a derrubada do antigo regime, esperava-se uma redefinição das forças políticas; contudo, o que se vê é a manutenção de um modelo de organização frentista que reflete o medo de assumir posições e de perder o status político conquistado.

Justamente por isso, existe a dificuldade na renovação do pensamento político brasileiro. Se fizermos uma análise histórica, veremos que a prática política mudou muito pouco desde os tempos da Revolução de 30. O clientelismo, a troca de favores, a pouca participação popular nas decisões nacionais, compõem um quadro que precisa ser modificado.

Toda essa deseducação política se faz sentir diretamente no interior da universidade. A Fabico não é uma exceção nesse contexto. O diagnóstico dos problemas já foi feito com a implantação do novo currículo. Cabe-nos agora buscar as soluções e partir para uma ação mais efetiva. Em primeiro lugar, é preciso que se rompa com o imobilismo, que caracteriza tanto a atuação de alunos, como a de professores, porque, apesar de fundamental num curso técnico, não é só com material que se constrói uma faculdade. Para que se tire proveito das mudanças implantadas, é necessária uma tomada de posição dentro da sala de aula: por parte dos alunos, a disposição para aprender; dos professores, o interesse em ensinar.

No Brasil existe uma Nova República com velhos políticos; na Fabico, um novo currículo com os mesmos professores. Que não se repitam na Faculdade os vícios da política nacional.

NOVOS RUMOS

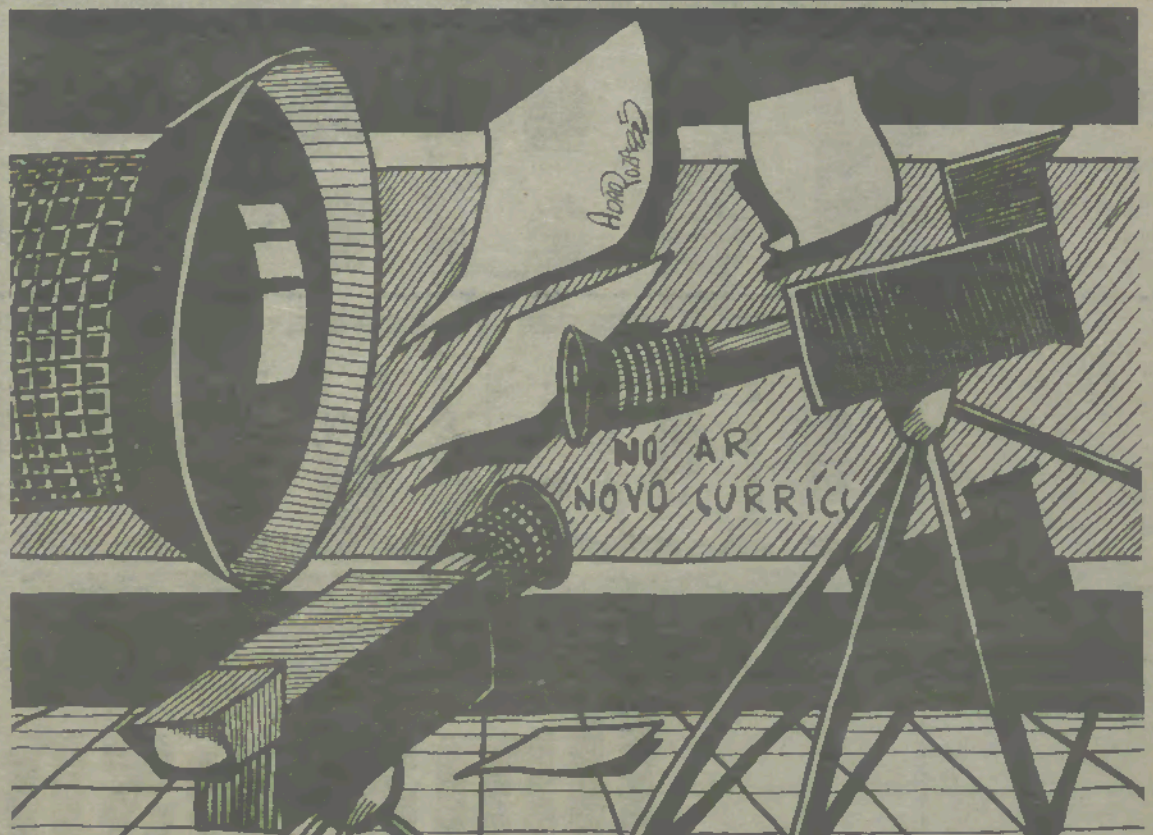
Assim como a Nova República busca credibilidade, apresentada por políticos, governo e imprensa, como o marco de uma série de transformações políticas e sociais no país, o novo currículo desempenha o mesmo papel no curso de Comunicação Social da UFRGS: o de um marco aglutinador de várias tentativas, antes dispersas, de recuperar a credibilidade de um curso que passava por alucinante processo de autofagia. Processo este que, sem dúvida, teve o mérito de gerar uma proposta curricular bastante inovadora, mas que também deixou marcas profundas (nem sempre positivas) nos profissionais que formou.

Mas se vivemos um momento de transformações, onde o novo procura se firmar, o que havia de velho na Fabico ainda resiste e precisa ser identificado. A velha prática de professores que não aprendem o programa da cadeira e, portanto, não o discutem com os alunos, continua. A aplicação de velhos métodos em aula, a repetição sistemática dos mesmos trabalhos em cada novo semestre demonstram que alguns professores sequer se deram ao trabalho de refletir sobre a sua prática dos últimos anos.

Não podemos deixar que cadeiras apenas mudem de nome ou professores cheguem nas salas sem saber

precisamente a súmula da cadeira que irão lecionar durante o semestre. É claro que as falhas são compreensíveis na fase de implantação de um projeto, mas se faz necessário aplicar formas eficientes de controle. Os alunos dispõem de um instrumento de cobrança, que é o manual do novo currículo, e devem utilizá-lo, como já vêm fazendo e a chefia do departamento de Comunicação deve ficar atenta e pôr em prática a fiscalização. E não vejam aí uma "caça às bruxas". Isto significa apenas respeitar todo o trabalho que foi desenvolvido e não comprometer a sua credibilidade com negligência.

Podemos dizer que a principal mudança, a mais importante, está nas pessoas. Quase todos os professores estão empenhados em melhorar a qualidade do ensino, alguns procurando vencer suas limitações pessoais. Os estudantes começam a perceber a importância do papel que desempenham dentro do curso e da universidade como um todo. Os veteranos tentam resgatar parte do tempo perdido em reclamações desorganizadas e críticas vazias e começam a exigir qualidade. Os calouros parecem formar um grupo sui generis, mais unido, e já andou mostrando que vai incomodar. Eles têm nas mãos uma grande responsabilidade. Há esperanças.



Rebarbas

■ Em uma cadeira, freqüentada exclusivamente por alunos de sétimo e oitavo semestre, o professor perguntou se todos já haviam cursado as cadeiras de introdução ao jornalismo — que são pré-requisitos para a referida disciplina. No momento em que se implanta um novo currículo, seria de se esperar um grau maior de informação do corpo docente. Os alunos chegaram a se ofender com a pergunta.

■ Finalmente, com meio ano de atraso, foi inaugurado o estúdio de TV da Fabico. Os alunos que cursaram as cadeiras de área no semestre passado agradecem sensibilizados.

■ Alunos da cadeira de Produção e Difusão em Telejornalismo II serão responsáveis pela parte técnica do programa COM CIÊNCIA, apresentado pela TVE todas as sextas-feiras às 13h30min. Segundo um convênio firmado entre a Fabico e a emissora, de cada três programas apresentados, um terá a equipe técnica formada por estudantes. É uma excelente oportunidade para que os alunos tenham uma noção exata de como se trabalha profissionalmente em televisão.

■ Apesar da euforia da formatura próxima, os alunos de jornalismo continuam altamente motivados para ocupar o estúdio novo. Como solução, já estão se organizando, para cobrar da direção um curso de extensão universitária gratuito

■ Após um ano em estado de coma profunda, o elevador principal da Fabico foi "ressuscitado", às vésperas da inauguração do estúdio de TV, quando coincidentemente a faculdade recebeu importantes visitas. A esperança dos alunos é que algumas destas personalidades tenha pedido para ir ao banheiro. Talvez assim se tenha papel higiênico por alguns dias.

■ Entre as melhorias que o Departamento de Comunicação tem oferecido aos estudantes, se encontra a aquisição de 50 máquinas de escrever. Dada à idade avançada da maioria surge uma dúvida. Serão elas usadas nas cadeiras técnicas ou farão parte de um acervo inicial de um museu a ser criado na faculdade.

■ Esta edição do 3X4 prova que um trabalho sério, unido a um bom planejamento e a uma verba suficiente, conduz a bons resultados. O jornal foi fechado em menos de um mês, e outros três números deverão sair neste semestre. Nada mal para quem demorava quatro meses fechando uma ou duas edições que nem sempre circulavam.

■ No Momento em que terminávamos de redigir essas REBARBAS, recebemos a triste notícia de que o elevador parou de funcionar logo que o Reitor deixou o prédio. Como não existe previsão de volta, espera-se seu retorno na inauguração do estúdio de rádio

EXPEDIENTE

Jornal-laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira edição do segundo semestre de 1985, elaborada pelas turmas das disciplinas de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico e Projeto Experimental 5, sob a coordenação dos professores Aníbal Bendati, Pedro Maciel e Sérgio Caparelli.

Participam desta edição: Abnel de Sousa Lima Filho, Airton Seligman, Álvaro Augusto de F. Almeida, Ana Claudia Fossi Castmiro, Anália Maria Alves Barth, Angelo Luiz Poietto Mendes, Ania Chala, Carl Regina Lemos Rodrigues, Carla Maria Zen, Carmen Lucia Ferreira da Silva, Celia Regina Canani, Claudia Turela, Dagoberto José Bordin, Fátima Miriam Bortot, Geni Dorneles Valenti, Gustavo Krieger Barreiro, José Alberto Santos de An-

drade, José Antonio Souza Pinto Netto, Karla Camargo da Silva, Karla Maria Muller, Liege Schilling Copstein, Luis Carlos Carpin, Marcia de Wallau e Marta Gleich.

Chefe do Departamento de Comunicação: Vera Ferreira. Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregoi Fagundes.

Rua Jacinto Gomes, 540 — Porto Alegre — RS.

Impresso na Zero Hora Editora Jornalística S. A.

FABICO inaugura estúdio de tv

Com 35 anos de existência, o curso de Comunicação recebe, finalmente, um estúdio de televisão.

"A grandeza da Universidade depende de nós. É chegado o momento de termos confiança que, apesar das dificuldades, estamos tornando realidade tudo aquilo que prometemos em assembléias". A declaração foi feita pelo reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS — Francisco Ferraz, no último dia 26, na

inauguração das instalações do estúdio de televisão da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação — FABICO. Para o reitor Ferraz, a Reitoria, com as pequenas obras que está realizando, não faz mais que sua obrigação, dentro de tantas limitações que lhe são impostas.

Segundo a professora Vera Fer-

reira, chefe do Departamento de Comunicação, a inauguração do estúdio de tv é resultado do esforço de um grupo de administradores e professores preocupados com as dificuldades do corpo docente. Vera Ferreira acrescenta que a partir de agora os alunos terão condições de desenvolver trabalhos tanto na área de Jornalismo como Relações Públicas e Publicidade. "Vencemos apenas uma batalha. Foi uma grande conquista mas não para aí. Temos uma guerra a vencer e para isso já encaminhamos projetos no sentido de conseguirmos mais verbas para adquirirmos o restante do equipamento necessário, dentro das exigências mínimas dos cursos, como mesa de corte, ilha de edição, etc."

Para o professor Kleber Ferreira, a inauguração do estúdio significou o coroamento do trabalho desenvolvido nos últimos cinco meses e que contou com a colaboração da direção, professores e alunos. "Foi um grande passo. Estamos com a casa construída e precisamos mobilizá-la".

Na ocasião da inauguração do estúdio de tv, que custou em torno de Cr\$ 60 milhões, foram entregues oficialmente 50 máquinas de datilografia e reinaugurado o elevador.

Fátima Miriam Bortot



Wallace Lehnemann

Estúdio de TV melhora o curso

Curso de Comunicação se reorganiza com Novo Currículo

A professora Maria Helena Weber, Coordenadora dos trabalhos de implantação do novo currículo da Faculdade de Comunicação Social da UFRGS, afirma que toda a estrutura do Curso está sendo alterada radicalmente. Segundo ela, "o novo currículo é o resultado, entre outros fatores, de um trabalho político em cima da imagem do curso e de uma estratégia planejada de envolvimento da Comissão de Carreira junto à Reitoria".

Desde 1982 um grupo de professores vem se mobilizando para tornar o curso de Comunicação um meio adequado para formar profissionais. Para isto, foi necessário, não só todo um estudo feito na área de comunicação, como o desenvolvimento de um maior relacionamento com a Reitoria para que o projeto de viabilizasse.

Neste semestre, o novo currículo está sendo definitivamente implantado e, logicamente, tendo todos os problemas intrínsecos que o "novo" apresenta, como dificuldades de desenvolvimento, adaptação e, até mesmo, de participação. Todo este trabalho de reestruturação, de discussão de conteúdos, foi feito em conjunto; no entanto, ressalta-se a pouca participação dos professores de comunicação. Conforme Maria Helena, nem todos os professores se dedicaram: "muitas pessoas não estão interessadas pela mudança e é muito difícil conciliar todos os fatores que pressupõem este currículo".

A partir de agora, haverá uma especificidade de conteúdos relacionados à carga horária e uma divisão das disciplinas em teóricas, técnicas e práticas. Além disso, funcionará também um sistema de controle dos conteúdos através de seminários semestrais.

Os alunos já dispõem de um manual que informa sobre o projeto, objetivos do novo currículo e traz a súmula do que será desenvolvido em cada cadeira. Isto significa um real instrumento de cobrança para os alunos, que terão maior respaldo para exigir conteúdo.

A expectativa de mudança entre os alunos já está sendo demonstrada e a coordenadora da Comissão de Carreira ressaltou o entusiasmo destes que, na primeira semana de aula, começaram a reclamar e exigir qualidade.

CADEIRAS TÉCNICAS

Até hoje só se apresentavam obstáculos para que os alunos se aperfeiçoassem tecnicamente. Toda a infra-estrutura da faculdade limitava o aprendizado, desde o espaço físico, até o material. Uma faculdade de comunicação sem estúdio de TV, sem material para fotografia, com poucas máquinas de escrever, com tempo restrito para utilizar, ou apenas treinar locução, na Rádio da Universidade, com pouca verba e com poucos professores.

Este era o quadro anterior das dificuldades. Ainda existem muitas outras questões, como os conteúdos teóricos da área técnica, que estão sendo repensados.

Ao que parece, agora as perspectivas são mais otimistas. O poder de barganha da Faculdade junto à Reitoria aumentou, o estúdio de TV foi concluído, foram adquiridas vinte máquinas de escrever e as cadeiras de fotografia funcionam com material suficiente.

Maria Helena salienta que ainda há muito a conseguir, como por exemplo mais verbas para o jornal-laboratório, contratação de professores e a construção de um estúdio para rádio.

O novo currículo, segundo Maria Helena, "é avançado, de vanguarda, propõe uma discussão maior, tem uma filosofia definida, muito complexo em sua implantação e isto tudo depende de conteúdo, de um novo posicionamento de professores e alunos".

Karla Camargo da Silva



Alunos equipados

Wallace Lehnemann

Novo currículo exige mais professores

Com a implantação do novo currículo do Curso de Comunicação Social da Ufrgs, as novas disciplinas criadas exigem a contratação gradativa de novos professores. O aumento do quadro docente deve ser de 20%, sobre o atual número de 23. No entanto, diante do Decreto-lei assinado pelo presidente Sarney, em maio deste ano, proibindo as contratações no serviço público federal, por período indeterminado, as disciplinas que disso dependem não serão implantadas.

A Chefe do Departamento de Comunicação, professora Vera Ferreira, explica: "O período de implantação do novo currículo começa no segundo semestre de 85 e vai até final de 1988. O Departamento de Comunicação vai introduzir as novas disciplinas de acordo com a disponibilidade de recursos humanos — professores — e recursos de instalações — salas de aula".

Decorrente da proibição surgida com o Decreto-lei, a alternativa segundo Vera Ferreira, é a transferência de professores cedidos por

outros departamentos da Ufrgs ou das Universidades Federais do Estado. "Há vários professores que manifestaram interesse em vir de outros departamentos para a Comunicação e seus casos estão sendo estudados".

Na área de Publicidade já se concretizou a transferência da professora Neusa Demartini Gomes, vinda da Universidade Federal de Santa Maria. Segundo Vera Ferreira, ela virá assumir parte da carga horária deixada pelo professor Romualdo Skowronsky, que acumulava várias disciplinas na área de Publicidade.

O vice-coordenador da Comissão de Carreira da Comunicação, Comcar, professor Sérgio Alves Rosa, afirma que "através de um estudo, a Comcar analisou quais as disciplinas que ocorrerão no período compreendido desde o segundo semestre de 85 até o final de 1988. Será possível, assim, avaliar as necessidades de contratação de novos professores em cada área — Publicidade, Relações Públicas e Jornalismo". Sérgio Rosa acredita na possibilidade de fundamentar

melhor o pedido de novos professores.

Ressaltando a atenção com que o Pró-Reitor de Graduação Otto Cybis tratou as reivindicações feitas pela Comcar, o vice-coordenador comenta que obtiveram a promessa de urgência no encaminhamento dos pedidos de transferência.

Dentro da avaliação feita pela Comcar, Sérgio acrescenta que há condições de se fazer uma reciclagem dos atuais docentes do Curso de Comunicação, tanto a nível de atualização como de especialização. "É evidente que o aumento do quadro docente irá depender de uma negociação bem conduzida junto à Pró-Reitoria de Graduação e acredito que conseguiremos as transferências prometidas. Aguardaremos também a extinção do Decreto-lei que impede as contratações para complementar o quadro", conclui o vice-coordenador da Comcar.



Vera: "Mais recursos"

Ana Luiza Freitas

Agora mais créditos opcionais

Os alunos que ingressaram a partir do segundo semestre de 1985 no Curso de Comunicação Social da Ufrgs, precisam, agora, cursar 200 créditos, mais oito em Estudos de Problemas Brasileiros e Prática Desportiva. Isto equivale a três mil horas/aula.

Em Jornalismo, os créditos obrigatórios serão divididos em disciplina do tronco comum com 80 créditos mais oito de Prática Desportiva e EPB, ficando as disciplinas específicas com 78 créditos. Já as opcionais serão divididas em 18 créditos da área de Comunicação e Compartilhadas, 12 créditos em Sistema de Seminários e 12 em Sistema de Laboratório, somando 42 créditos opcionais.

Nas habilitações Publicidade e Relações Públicas o sistema é o mesmo, só acrescido de dois créditos opcionais e diminuído de dois créditos obrigatórios, nas disciplinas de formação específica.

Carla Maria Zen

O debate está aberto no Jornal-Laboratório

Linha editorial, público alvo, função social e publicidade: o 3x4 buscando novos caminhos.

O Conselho Federal de Educação, que dispõe sobre o currículo mínimo para os cursos de Comunicação Social, determina a necessidade e manutenção dos jornais-laboratórios como espaços fundamentais para a pesquisa, a reprodução ou a inovação da prática jornalística. Algumas instituições já começaram a implantação, como é o caso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC.

A linha editorial do *Três por Quatro*, jornal-laboratório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, ainda não está bem definida. De acordo com o professor Pedro Maciel, um dos coordenadores do jornal, nos últimos semestres vem sendo feita uma tentativa de se fazer um jornal voltado para a comunidade. A primeira delas seria a comunidade universitária e depois as comunidades do Bom Fim, Azenha, Rio Branco e Santana.

"A idéia de transformar o *Três por Quatro* num veículo voltado para a comunidade", diz o professor Maciel, "só tem um objetivo: fazer com que o jornal tenha uma cara, uma fisionomia, um sentido social. Queremos que as pessoas o reconheçam como algo sério, consciente."

Na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, FAMECOS, o jornal-laboratório *Experiência* possui uma linha editorial bastante aberta. Segundo um dos professores responsáveis, Tibério Vargas Ramos, mesmo durante os períodos de autoritarismo, o jornal sempre teve ampla liberdade para tratar de temas políticos, desde que o fizesse com isenção e observasse determinados dogmas na orientação da universidade católica.

O público-alvo do *Experiência* são os alunos da própria faculdade pois, geralmente, as matérias tratam de assuntos comuns ao curso. Diz Tibério Ramos: "O jornal procura ser um espaço para os alunos exercerem sua criatividade e, na medida do possível, colocarem suas idéias em prática."

Jornal do DCE voltará a circular em setembro

Depois de ter a edição de julho adiada e, muito pior, ver cogitado o fim de sua publicação, o jornal do Diretório Central de Estudantes (DCE) voltará a circular entre os estudantes da UFRGS. Carlos Augusto Bissón, estudante de jornalismo e editor do jornal, diz que está garantida, pelo menos, mais uma edição, que deverá estar pronta na segunda semana de setembro.

O problema, segundo Carlos Augusto, é que o DCE vai, praticamente, "esvaziar os seus cofres" para pagar este número, o que remeterá para o próximo, de outubro, a dúvida quanto a onde obter recursos para imprimir o jornal. Os primeiros números — o de setembro será o quinto — foram financiados com o dinheiro das carteiras de passagem escolar. Acontece que, em abril, o Conselho de Diretores Acadêmicos decidiu que uma parte da verba das carteiras fosse destinada aos diretórios. "Os DA pensaram que o DCE estivesse nadando em dinheiro e a oposição resolveu desgastá-lo, impedindo que pudessemos continuar com o trabalho que vínhamos realizando", explica Carlos Augusto, "e lançaram a proposta de que 40% dessa verba fosse para os diretórios. Tivemos que dar Cr\$ 13 milhões, Cr\$ 500 mil para cada um (são 26 diretórios na UFRGS). Foi a primeira vez que isso aconteceu no movimento estudantil da UFRGS: o DCE sustentando os diretórios", conclui.

Expansão e custos
Certamente, também é a primeira vez, em muito tempo, que o DCE tem tanto dinheiro em caixa. Foram arrecadados mais de Cr\$ 30 milhões com as carteiras de passagem escolar. Somente assim o DCE pode manter um jornal com uma tiragem de 10 mil exemplares e em plena expansão.

A expansão, para Carlos Augusto, se explica pelos próprios objetivos do jornal. "Tínhamos que fazer um jornal, a todo custo, porque estava no programa da chapa (Chega), precisávamos causar impacto",

Publicidade e Recursos

Os dois veículos — *Três por Quatro* e *Experiência* — têm algo em comum: não fazem uso da propaganda. De acordo com Pedro Maciel, já se pensou nessa possibilidade. Mas seria muito difícil vender espaço publicitário num veículo que não tem periodicidade. "Além disso", diz ele, "há um consenso de que os jornais-laboratórios não devem ter publicidade, não devem estar atrelados a qualquer tipo de compromisso, pois isso, didaticamente, influenciaria o veículo de forma negativa".

Tibério Ramos, do *Experiência*, concorda com seu colega da UFRGS: "Os jornais da grande imprensa sofrem uma forte censura econômica, principalmente dos seus anunciantes. O nosso veículo não tem publicidade externa e não necessita dela para subsistir; portanto, temos mais liberdade de ação".

Na Faculdade dos Meios de Comunicação Social são feitos quatro jornais por semestre, com uma tiragem de dois mil exemplares a cada edição. Neles trabalham quatro turmas: duas de sétimo nível, que fazem o jornal em si, e duas de oitavo nível, que fazem o segundo caderno. Já o *Três por Quatro*, devido à falta de verbas, sempre teve uma única edição a cada semestre.

De acordo com o professor Maciel, entretanto, agora o curso de Comunicação passou a ser classificado pela Reitoria como técnico, para efeitos de dotação orçamentária. Com isso, os recursos foram quadruplicados, proporcionando verbas para a compra de material destinado ao jornal e possibilitando a impressão de quatro números do *Três por Quatro* no semestre.

"Apesar de depender economicamente da Universidade, o *Três por Quatro* não tem nenhum compromisso editorial com ela", afirma Maciel. "O jornal não é censurado e, se fosse, não teria o menor sentido didático. Eu não trabalharia num veículo assim e creio que os alunos também não".

Marcia de Wallau

diz ele. E causaram. A publicação de um jornal que, desde o início, tentou fugir do ranço panfletário que sempre marcou os jornais de entidades estudantis chamou a atenção. Um "jornal de verdade", com fotos, planejamento gráfico, impresso em offset, sem dúvida não é algo muito comum dentro do movimento estudantil, sempre carente de recursos. Os recursos surgiram e o jornal saiu. "Além de dar credibilidade política à entidade, o jornal do DCE veio trazer um novo espaço para discutirmos a universidade e os caminhos políticos do país. E a receptividade era boa, mas, passado o impacto inicial, precisávamos de algo novo: aumentar o número de páginas, cuidar mais da apresentação gráfica. E isso significava investir mais", explica o editor. Carlos Augusto mostra que o investimento foi alto: o primeiro número, com quatro páginas, custou Cr\$ 1 milhão, em dezembro do ano passado; o segundo, também com quatro páginas, custou Cr\$ 700 mil, em janeiro deste ano; o terceiro, já com oito páginas, saiu no final de março por Cr\$ 2 milhões; o quarto circulou com 12 páginas, em junho, e custou Cr\$ 4 milhões e 800 mil; o próximo, de setembro, terá 16 páginas e custará pouco mais de Cr\$ 8 milhões.

Anunciantes
O único recurso para continuar a publicação do jornal seria procurar anunciantes, e isto foi feito desde abril. "Procuramos a Coca-Cola, que nos disse que tinham gasto toda a verba no lançamento do Sprite, e que os procurássemos agora, no segundo semestre: iremos lá de novo. Procuramos o Banerj, que disse que daria Cr\$ 500 mil, mas também a partir de setembro. E fomos em todas as grandes agências, em julho, e não conseguimos nada", conta Carlos Augusto, "mas vamos continuar tentando, porque esta edição o DCE ainda pode pagar, mas a próxima ainda é uma incógnita".

Abnel de Sousa Lima Filho



Ana Luiza Freifas

Curso de Comunicação Social (A Nova Estrutura)

Curso de Carreira de Comunicação Social
Curso de Filosofia e Ciências do Homem
Conselho de Coordenação do Ensino e de Pesquisa

Departamento de Comunicação
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Mais prática é o resultado do novo currículo na FABICO

Estágio em jornal: agora vamos à luta

Os Centros Acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul veiculam, semestralmente, cerca de 15 jornais; mas nenhum deles sujeita-se à responsabilidade profissional de um jornalista.

A lei não permite o estágio no Jornalismo e também não controla o subemprego, por isso, dentro da UFRGS as oportunidades de aplicação profissional para os alunos não são exploradas em todas as suas potencialidades.

O "Bisturi", jornal dos alunos da Faculdade de Medicina, completou, em julho passado, 40 anos de existência. Por este motivo circulou em edição especial, com patrocínio e responsabilidade editorial apenas a título de cortesia.

Para alguns alunos, cujos cursos ainda não possuem jornal como no caso da Pedagogia e de Ciências Sociais, é uma boa idéia envolver nestes trabalhos os estudantes de Comunicação; quem os possui, como Igor Moreira, presidente do Centro Acadêmico André da Rocha da Faculdade de Direito, afirma: "Isto facilitaria muito, principalmente, na execução de atividades de diagramação e sobraría tempo para o pessoal preparar melhor os textos".

Remi Antônio Baldasso, 38 anos, atual presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul, diz que a lei procura preservar o mercado de trabalho. Contudo, é favorável a que seja dada a oportunidade de os estudantes estagiarem dentro da Universidade.

Baldasso considera que, em termos gerais, o emprego de estagiários deve ser amplamente discutido. Julga viável o aluno de Jornalismo trabalhar, porém é necessária uma definição clara das bases do contrato de trabalho, o acompanhamento de professores e não haver atuação direta no veículo.

NOVA PERSPECTIVA

O Sindicato não fiscaliza veículos de circulação interna e sem fins lucrativos, como no caso dos jornais da UFRGS. Baldasso concor-

da que os alunos poderiam ser beneficiados, tendo em vista os recursos e a infra-estrutura dos Diretórios, para praticar a profissão em uma situação mais real.

Neste contexto, os alunos de Jornalismo, remunerados pelo sistema de bolsas que a instituição mantém, não ficariam desenvolvendo atividades meramente burocráticas.

Campo de trabalho existe. Prova disso, é o "Jornaleco" do Centro Acadêmico da Faculdade de Economia que veicula conteúdos de natureza difamatória, informa parcialmente determinados fatos e traz matérias opinativas sem a assinatura do autor entre outros pontos, o que contraria a ética do Jornalismo e fere princípios do direito de informação.

Ronaldo Herrlein Jr desse Diretório, acha válida a idéia do estágio e concorda com a inexistência de conhecimentos técnicos no grupo. Contesta porém, a afirmação quanto a conteúdos difamatórios: "Temos o dever de denunciar o que acontece na Faculdade".

Na maioria dos grupos a necessidade de livre expressão, aliada a essa desinformação existente, gera animosidades entre alunos, professores e funcionários, dificulta a edição e, conseqüentemente, altera a periodicidade dos jornais, não apenas em decorrência da inobservância de aspectos técnicos, como também daqueles de caráter editorial.

Seria um empreendimento interessante a ocupação deste espaço pelo pessoal da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, sob a forma de um projeto conjunto, de professores e alunos, que integre as disciplinas profissionalizantes do currículo.

O estagiário de Jornalismo teria garantido um novo papel. Sua atuação seria mais crítica, criativa, inovadora e sobretudo, de intensa conscientização de outros futuros profissionais de nível superior, quanto ao emprego de jornalista em atividades concernentes à profissão.

Geni Dorneles Valenti

A definição das candidaturas intensifica as campanhas eleitorais, que trarão para o debate local a atuação da Aliança Democrática a nível do governo federal

Disputa política pela Prefeitura mobiliza os candidatos

A eleição para a Prefeitura Municipal deve refletir as contradições que cercam, no plano federal, o governo da Aliança Democrática. Prevendo este fenômeno, os partidos que apóiam a Aliança se uniram no apoio à candidatura do Deputado Carrion Júnior, do PMDB. Os outros grandes partidos optaram por candidatos próprios, todos, no entanto, unidos por uma característica. A oposição, ou ao menos uma "postura independente", em relação ao governo Sarney.

O que nenhum candidato nega é a importância que as eleições de novembro terão no quadro político nacional. Carrion Júnior chegou a afirmar que "se no passado tivemos a política dos governadores, a partir de 1986 teremos a política dos prefeitos". O candidato peemedebista sabe que a cúpula da Aliança Democrática olha com muito cuidado para Porto Alegre, onde é necessário barrar o caminho do PDT, que já lançou Alceu Colares.

Carrion se considera preparado para a tarefa, baseando-se principalmente na "força de seu programa". Para ele, o programa do PMDB é o mais completo de todos os que foram apresentados, equivalendo praticamente a um plano de governo.

Os partidos integrados na coligação governista apostam também na força de aglutinação da Aliança, que a levou à vitória no Colégio Eleitoral e que hoje coloca no mesmo palanque forças tão antagônicas como o PC do B e o PFL.

Segundo lideranças da Frente Liberal, a coligação entre seu partido e os comunistas é algo natural, perfeitamente encaixado nas propostas de liberdade da Nova República. Estas lideranças ressaltam, no entanto, que esta será uma união tática, visando assegurar a transição democrática. A ausência de uma visão comum sobre problemas ideológicos básicos é compensada por pontos de vistas conver-



João Otávio Ness

A campanha pelas diretas foi um fenômeno de participação popular

gentes sobre o momento atual, afirmam.

Oposição

Mas se em Porto Alegre a Aliança Democrática se uniu em torno de uma candidatura, o mesmo não aconteceu com os partidos de oposição. PDT, PDS, PT e PTB lançaram candidatos próprios ao governo municipal.

Destes, o mais forte parece ser Alceu Colares, do PDT. Depois de fracassarem as tentativas de uma composição com o Partido dos Trabalhadores, os trabalhistas resolveram jogar toda sua força em uma candidatura "pura", chamando para compor a chapa o ex-vereador Glênio Peres.

O PDT tem certeza da vitória, e como prova exibe pesquisas de opinião pública que chegam a lhe dar 48% dos votos. Afora isso, lembra que foi o

partido mais votado na capital, nas eleições de 1982, além de possuir grande penetração nas entidades de bairro e nos movimentos populares da cidade.

O apoio das Associações de Moradores também é apresentado pelo PDS como seu grande trunfo para o pleito de novembro. Na Convenção Municipal do partido, o candidato a vice-prefeito, Reginaldo Pujol, chegou a anunciar a presença de 108 destas entidades.

O PDS acredita ter encontrado em Vitor Faccioni e Pujol a chapa ideal, unindo experiência administrativa à penetração popular. Ainda segundo o comando do partido, a agremiação chegará unida à eleição, devendo por isto se constituir na grande surpresa do pleito.

O Partido dos Trabalhadores realizou grande discussão interna antes de

apresentar a chapa Raul Pont-Clóvis Ilgenfritz. Um grupo significativo defendia a coligação com o PDT. Este grupo chegou a levar sua proposta à convenção municipal, onde foi derrotada. Chegou a se falar em uma "coligação branca", com lideranças petistas engajadas na campanha de Colares, mas hoje isto parece superado e o PT deverá ir com toda sua força para as eleições.

O PTB, fiel à orientação de seu diretório nacional, resolveu lançar Jorge Krieger de Mello como candidato. A candidatura, aparentemente sem chances de vitória, terá como função principal divulgar em Porto Alegre as propostas petebistas.

Os candidatos sabem que, ao lado dos problemas específicos da cidade, não poderão deixar de debater a nova conjuntura nacional, sob pena de serem ultrapassados por este debate.

Gustavo Krieger Barreiro

Novas siglas possuem pouca base popular

"A proliferação de partidos políticos no país tem como causa fundamental, além do próprio processo de abertura, o retorno do regionalismo político, ocorrido durante a eleição de Tancredo Neves." A afirmação é de Hélgio Trindade, professor de Ciências Políticas e Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRGS. Para ele, Tancredo Neves foi eleito através de uma aliança entre São Paulo e Minas Gerais, além de contar com o apoio decisivo dos governadores do Nordeste, o que reacendeu o peso regional dentro da política brasileira.

Hélgio Trindade acredita que a maioria das novas siglas auto-representa grupos que não encontraram espaço nos partidos então existentes, não possuindo base popular. "A tendência é que alguns desses partidos se atomizem, alguns com vigência regional", completou. Segundo o professor, o panorama político permanecerá restrito ao que chama de

conservadorismo autoritário do PDS malufista, ao conservadorismo liberal do PFL, ao liberalismo reformista do PMDB, ao populismo do PDT e aos pequenos partidos de esquerda que, apesar de só agora liberados, já possuem uma estrutura, montada durante o período de clandestinidade.

Fazendo uma análise mais aprofundada do sistema partidário brasileiro, Hélgio Trindade sustenta a teoria de que toda a sua evolução se deu através do enfrentamento de forças populistas e antipopulistas. Para ele, desde o Estado Novo, em 1945, quando Vargas criou o PSD e o PTB, que incorporou o movimento sindical, o país vem assistindo a esta disputa. "A crise de 64 torna-se mais aguda quando o PTB alcança a hegemonia com Jango, o PSD rompe com ele e se une à UDN para impedir a ascensão do populismo", exemplificou. Até 64, a união entre PSD e PTB se manteve em virtude do PSD garantir a classe

política, sendo o maior partido do país. Trindade concluiu: "Enquanto o PTB foi minoritário o esquema perdurou."

O professor acredita que o atual processo de transição democrática vai dar uma preponderância aos partidos de centro-esquerda não-populistas, apoiados pelos partidos de esquerda, que terão como inimigos comuns o populismo de esquerda tradicional, "estilo Brizola", e o populismo de direita do PTB e de setores do PDS, "estilo Jânio Quadros, Maluf e Newton Cruz".

Conforme Hélgio Trindade, "o fim do autoritarismo militar criou novas condições de participação das esquerdas tradicionais, que criarão um espaço próprio, liberando o PMDB dos seus setores mais à esquerda e aproximando-o dos setores de centro-esquerda do PFL."

Durante o período autoritário, este enfrentamento se manteve, pois, se-

gundo o professor, com a vitória nas eleições de 74, o MDB retomou a representatividade popular do PTB e obrigou os militares a realizarem uma reformulação partidária antes da eleição seguinte, a fim de enfraquecê-lo. "Neste momento surge o PDT, que vai se transformar numa espécie de fantasma populista", afirmou. O PDT viria a contrariar a teoria de que, após 64, o populismo estaria morto no Brasil.

Hélgio Trindade sustenta que se Tancredo Neves levasse adiante seu governo poderia ter transformado o PMDB num forte partido populista. A campanha de Tancredo, olhada do ponto de vista de seu discurso, se inspirou no populismo de Vargas, mantendo uma retórica ampla e pluriclasista. Com a sua morte, o populismo, mais uma vez, não alcançou a hegemonia, permanecendo em sua luta frente às forças antipopulistas.

Álvaro Augusto de F. Almeida

Recusando a presença popular, os redutos centrais de Porto Alegre cedem seu espaço ao grande capital

A área central é hoje o último reduto do espaço coletivo e social de Porto Alegre. A conclusão está no estudo feito no ano passado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

A pesquisa desenvolvida pelo IAB envolve três etapas distintas. A primeira é a que se refere aos chamados "centros históricos"; a outra é o complexo fenômeno Praça XV de Novembro e Rua Voluntários da Pátria; e, por fim, as formas de efetiva participação da comunidade na conservação e ampliação do último reduto de centralidade em Porto Alegre.

Por "centro histórico" foi definida a cidade pré-existente, ou seja, os setores mais tradicionais da cidade. Este ponto é facilmente entendido se analisado à luz do processo de produção social, que no estágio atual de desenvolvimento da sociedade brasileira pode ser caracterizado como de concentração.

No plano da produção econômica esta concentração significa a passagem de uma fase de capitalismo mercantilista e concorrencial a outra, monopolista. Por este processo, os setores de vanguarda do sistema, os mais modernos, os que estão em estágio mais avançado, forçam a reciclagem dos mais atrasados mediante sua incorporação e modernização, ou a extinção pura e simples daqueles modos de produção incompatíveis. Essa concentração resulta no controle dos mercados, na exarcebada do consumo, na obsolescência programada, isto é, no domínio sobre o processo produtivo.

O domínio impõe padrões culturais e determina ação decisiva sobre a cidade, importante meio de expressão cultural. Força a sociedade e a cidade a se comportarem de maneira harmônica com a visão de mundo gerada pela concentração. A realidade, neste caso, deve ser percebida de forma padronizada.

COMPARTIMENTAÇÃO

Esse processo cultural tem desdobramentos em todos os campos da expressão humana, inclusive no espaço urbano. Enquanto o espaço configurado pelos setores burgueses, dominantes, é rigoroso, exato, claro, científico, asséptico, refletindo a universalidade dos padrões importados, a outra manifestação espacial é trágica, comovente, irracional, contraditória, pobre e suja.

De acordo com o estudo do IAB, a dominação cultural determina uma ordem espacial, isto é, a condição urbana da reprodução do sistema.

No Brasil, como afirmam alguns estudiosos, impera uma ordem cultural baseada em padrões importados e alheios à população. Também a ordem espacial é importada e age no sentido de eliminar ou reciclar as manifestações por vozes titubeantes da cultura popular. A ordem espacial hoje vigente no Brasil é a da compartimentação, já que esta convém aos interesses de dominação que tratam de introduzir o controle, previsibilidade, organização ao conjunto das atividades e relações sociais. Por intermédio da compartimentação do espaço é obtida a compartimentação da sociedade, a compartimentação do tempo, do trabalho e do descanso, da vida íntima de cada indivíduo.

"A compartimentação", de acordo com o estudo do IAB, "é uma ação de destruição da centralidade urbana, ação de supressão do espaço conflitivo, complexo, de vida intensa e interação social". Essas últimas qualidades de complexidade, de conflitividade e de vitalidade por oposição à segregação consistem exatamente na essência da centralidade, presentes nos centros históricos.

ORIENTAÇÃO CLASSISTA

Neste ponto é que entra o complexo fenômeno Praça XV de Novembro/Rua Voluntários da Pátria. Se a centralidade é o último refúgio do espaço coletivo, a área citada, conforme o estudo, é o último refúgio da centralidade de Porto Alegre.

Excluindo este espaço, onde ainda é possível se processar a interação social, todo o centro histórico de Porto Alegre, toda a península, já foi tomada e transformada pela nova ordem. A outrora área central da cidade sofre hoje da mesma desolação que o seu mais desolado subúrbio. Isto se constata pela contínua especialização funcional, de concentração de poucos usos e de orientação decididamente classista. O Centro da cidade está fechado às classes populares e eliminou a possibilidade de convivência desses setores sociais com outros e com novas experiências. Assim como as áreas residenciais, comerciais e outras, todas previsíveis nas suas respostas à expectativa humana de experiência coletiva e social, o centro da cidade se simplificou, eli-



Espaço coletivo diminui no centro da cidade

Sem espaços urbanos, às camadas populares resta aridez da vila

minou a surpresa, a possibilidade de geração do novo, a superexposição de atividades; virou uma espécie de caricatura de si mesmo. Virou pólo financeiro e área comercial da classe rica.

A exceção nesta nova realidade é a área compreendida pela Praça XV e pela Rua Voluntários da Pátria, que resistem a essa submissão. Isto, contudo, não impede que ocorram algumas "invasões" extremamente danosas, vindas das grandes lojas e dos grandes bancos.

O trecho compreendido pela Praça XV de Novembro até a Estação Rodoviária, através da Rua Voluntários da Pátria, Avenida Júlio de Castilhos e transversais, representa hoje a última possibilidade que a classe operária, pobre, tem para usufruir daquilo que é a essência da vida urbana: O contato social, a experiência ilustradora, a atualização cultural, a expressão. Retirado este espaço, às camadas populares restará apenas a desolação do subúrbio, da favela, a pobreza da maloca e a aridez da fábrica.

Entretanto, não é só a classe operária que precisa daquele espaço, uma vez que a interação social é fundamental para que o povo conheça a si mesmo e adquira consciência de sua própria desigualdade. Para os estudiosos, este conhecimento não deve se dar através da televisão, por exemplo, mas a partir do real, do concreto.

Nesse sentido, o complexo Praça XV de Novembro/Voluntários da Pátria é importante à comunidade como um todo. A sua posição estratégica, junto ao epicentro do espaço burguês, a cem metros da rua da Praia, é fundamental, e caracteriza a negação à segregação.

MULTIFUNCIONALIDADE

No pequeno espaço urbano estudado pelo IAB convivem o maior número de funções, serviços e atividades formais e informais, regulares e esporádicas, visíveis e invisíveis, legais e ilegais que a cidade permite.

O poder público representando o poder das classes economicamente superiores, ao que tudo indica, quer eliminar estes espaços populares. Para a ideologia burguesa, estes espaços ferem os olhos, são feios, desorganizados, sujos, concentram marginais, dificultam o trânsito, promovem a insegurança, ofendem a moral, ferem a legalidade e ameaçam as instituições. O burguês não aceita a vitalidade que nestes lugares sobrevive. Também não aceita a relação social mais viva e criati-

va, bem como a atividade mais prolongada e diversificada. Entretanto, é o único local que oferece segurança a quem dele se utiliza à noite, já que é virtualmente diurno.

A sobrevivência e evolução do reduto analisados pelos pesquisadores do IAB depende exatamente do conjunto das relações espaciais e sociais ali existentes. A qualidade urbana ali materializada de forma mais intensa de toda a cidade é garantida pelo conjunto de elementos que ali interagem. Portanto, qualquer ação no sentido de privá-lo de qualquer de suas funções e atividades comprometerá irremediavelmente o conjunto.

Hoje, é de capital importância que se enviem todos os esforços no sentido de fazer valer o ponto de vista popular sobre os interesses econômicos imediatistas e predatórios dos grupos empresariais que sempre se utilizaram da cidade para aumentar suas parcelas de ganho sem nunca darem em troca qualquer contribuição à sua qualificação como local de vida humana e de integração social.

PRESERVAÇÃO

O estudo do IAB conclui que o mais importante ainda é a luta pela preservação, transformação e gestão do reduto da centralidade porto-alegrense. Esta preservação, naturalmente, não deve implicar apenas o embelezamento da Praça XV e Voluntários da Pátria, mas a manutenção de toda a gama de atividades que a área suporta.

A transformação e gestão, finalmente, estão implicadas diretamente com o incentivo à multifuncionalidade da área, que dificultaria a especialização e faria aumentar o potencial de centralização. A gestão, de outro lado, deve ser uma preocupação principalmente do poder público, que deverá chamar as entidades representativas dos segmentos populares para opinarem sobre tudo que afete a área.

Uma última observação poderia ser colocada em relação ao reduto de centralidade em Porto Alegre. Trata-se de uma questão que seguramente deve receber a denominação de geopolítica. Se o poder público, as grandes casas comerciais e os grupos bancários e econômicos em geral estão concentrados no centro de Porto Alegre, o que ocorreria numa situação de ascensão do movimento popular? — O centro da cidade, obviamente, teria suas entradas vedadas. Assim, a dominação burguesa, no mínimo, teria maior possibilidade de sobrevivência.

Luis Carlos Carpim

O SR(A) SABE O QUE É UMA ASS

CLASSE	A	B	C
SIM	60	54	35
NÃO	40	46	65

Vem a

No dia 28 de junho, o presidente José Sarney enviou ao Congresso Nacional uma mensagem convocando a Constituinte "a ser eleita em novembro do próximo ano com poderes para elaborar e promulgar a nova lei fundamental e suprema do país."

A mensagem de Sarney revela uma proposta de continuidade do processo democrático prometido por Tancredo Neves ao derrotar Paulo Maluf, no dia 15 de janeiro, no Colégio Eleitoral. De acordo com seu discurso de vitória feito logo após a votação, Tancredo pretendia, como primeira tarefa de seu governo, promover a organização institucional do Estado. Promoção que sabia ele ser possível através da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, cobrada por políticos e vários segmentos da sociedade desde os tempos de distensão política do governo Geisel.

Na esteira da abertura de João Figueiredo o povo brasileiro exigiu eleições diretas para a presidência da República, reivindicando mudanças na estrutura política do país. Formou-se então, um pacto social entre os membros da sociedade civil.

Este acordo tácito entre os cidadãos brasileiros levou à queda dos militares no poder. Dessa forma uma nova Constituição deve ser elaborada. Uma nova Carta Magna que estabeleça os princípios político-jurídicos e sociais do Estado, englobando as leis fundamentais que limitam os poderes dos governantes e garantam os poderes dos governados.

Para que uma nova Constituição seja organizada, faz-se necessário delegar poder Constituinte Originário àqueles que a elaborarão — poder manifestado através de outorga ou de uma convenção. Sendo outorgado, supõe-se que o Poder Constituinte é exercido por representantes do Governo, e não do povo, o que descaracteriza a vontade popular. Foi através de outorga que a atual Constituição entrou em vigor no dia 17 de outubro de 1969, depois de decretada por ministro militares.

Por outro lado, normalmente quando a Assembléia Nacional Constituinte é convocada, há representatividade e legitimidade populares. Como nem todos os cidadãos de um país (maiores de 18 anos e com título eleitoral em dia) podem reunir-se para elaborar uma nova Carta, sua participação efetiva-se com a escolha direta dos representantes para a Assembléia Nacional Constituinte (ANC). Conforme a mensagem de Sarney, integrarão a próxima constituinte os parlamentares eleitos em 1986 para o Congresso Nacional, sem prejuízo de suas atividades legislativas.

CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Das sete Constituições brasileiras (1824, 1891, 1934, 1937, 1946, 1967 e 1969) apenas três foram elaboradas por delegados do povo: 1891, 1934, 1946. Entretanto, cabe salientar que todas as Cartas Magnas entraram em vigor após rupturas de poder político. Em ordem, Independência do Brasil (1822), Proclamação da República (1889), Revolução de 1930, Estado Novo (1937), queda do governo ditatorial de Getúlio Vargas (1945) e Golpe Militar de 64.

Já que o país vai ter outra Constituinte, é essencial que se conheça um pouco das Constituintes de representação popular. Os fatos devem permanecer na memória daqueles que pensam que a convocação de uma Constituinte resolverá de vez os problemas brasileiros e expurgará o entulho autoritário ainda existente devido às ações dos militares, quando no poder.

UMA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE?

CLASSE C	CLASSE D/E	SEXO M	SEXO F	IDADE 18-24	IDADE 25-29	IDADE 30-39	IDADE 40-49	IDADE 50+	TOTAL
SIM 35	SIM 15	SIM 49	SIM 51	SIM 31	SIM 51	SIM 38	SIM 44	SIM 38	SIM 39
NÃO 65	NÃO 85	NÃO 51	NÃO 49	NÃO 69	NÃO 49	NÃO 62	NÃO 56	NÃO 62	NÃO 61

CONSTITUINTE já a Nova Carta brasileira

A Constituinte de 1891, eleita somente por homens alfabetizados e maiores de 21 anos, elaborou uma Constituição que proporcionava autonomia de poder político e econômico às oligarquias, em detrimento do poder central republicano. E contra o poder das elites rurais dominantes foi que explodiu a Revolução de 30. A constituinte de 1934 foi convocada quando Getúlio Vargas sofria pressões das oligarquias que a integravam significativamente. Mas apesar disto, a Nova Carta

garantia os direitos de voto e as liberdades do cidadão, além de fixar conquistas trabalhistas. Contudo, não evitou o golpe de Getúlio três anos depois.

De acordo com José Afonso da Silva, em seu livro, "Direito Constitucional Positivo", a última constituinte envolveu "várias correntes de opinião: direita, conservadores, centro-democrático, progressistas, socialistas e comunistas, predominando a opinião conservadora". A Carta então elaborada (de

1946) garantia os direitos dos cidadãos, mas proibia o voto dos analfabetos e centralizava o poder, limitando a autonomia dos estados e municípios.

CONSTITUINTE DE 1987

Depois de instalada, a próxima Constituinte não terá tempo determinado para elaborar a Carta. O importante é que a Reunião de 1987 seja assinalada pela vontade popular, positivando o "currículum" Constitucional do Brasil.



João Diálio Ness

Multidões pediram Diretas e Constituinte

Opinião Popular

Através de uma Pesquisa, elaborada em julho pelo Departamento de Pesquisa da RBS, foi detectada a preferência da maioria dos porto-alegrenses por uma Assembléia Nacional Constituinte exclusiva — isto é — seus membros seriam eleitos especificamente para elaborar a Carta e seus mandatos terminariam junto com a conclusão dos trabalhos.

Foram realizadas 521 entrevistas, distribuídas proporcionalmente na população de Porto Alegre, atendendo a critérios de sexo, faixa etária e classe social. Dentro destes critérios, 61% dos entrevistados não sabem o que é uma Assembléia Nacional Constituinte. O índice de conhecimento é maior entre as classes A e B, as mulheres e as faixas etárias de 25 a 29 anos e de 40 a 49 anos.

Entre a minoria (39%) que sabe o que é a Constituinte, a grande maioria (76%) é a favor de que seus membros sejam eleitos exclusivamente para redigir a nova Constituição brasileira. Para estes entrevistados, a questão salarial, a educação e a reforma agrária são as questões prioritárias que devem ser tratadas pela nova Carta. Após vêm a questão social, liberdades democráticas, questão da casa própria e reforma tributária.

Sete tentativas

Em 163 anos de Estado Independente, o Brasil já teve sete Constituições, se levarmos em conta a emenda outorgada pela Junta Militar em 1969 e em vigor até hoje. A última Carta foi promulgada pelo Congresso Nacional em 1967. Aqui um breve histórico:

1824 — A Constituição do Império foi outorgada por D. Pedro I. Além dos três clássicos poderes, a Carta instituiu o Poder Moderador, exercido pelo Monarca.

1891 — A primeira Carta Republicana instituiu o Presidencialismo e previa a autonomia dos três poderes. Foi amplamente discutida.

1934 — Carta que inovava ao reforçar o Judiciário com a Justiça Eleitoral e a Justiça Trabalhista. Procurava soluções para os conflitos sociais avolumados pela Revolução de 30. Foi discutida.

1937 — Apelidada pejorativamente de "Polaca", esta Carta foi o andaime jurídico de Getúlio para a instituição do Estado Novo.

1946 — Constituição que retomou o liberalismo político e instituiu o Tribunal Federal de Recursos.

1967 — Carta, ainda em vigor, que diminuiu o poder dos Estados e municípios. Foi anunciada por Ato Institucional nº 4 e agravada por preceitos autoritários com a promulgação da Emenda Constitucional nº 1 (Constituição de 1969).

Anália Maria Alves Barth



Ana Luiza Freitas

Porto-alegrenses querem Constituinte Já.

Mulheres de Porto Alegre organizam a sua luta

A partir da década de setenta começou a surgir o Movimento Feminista no Brasil. Com grupos pequenos e elitizados, lutava por questões específicas, como a sexualidade da mulher. Hoje a necessidade é de movimentos amplos com maior número de mulheres participantes. Baseado nisso foi criada, dia 19 de julho deste ano, a União de Mulheres de Porto Alegre — UMPA.

A UMPA, que tem como presidente a médica Ana Lúcia Barletta, é uma entidade autônoma e democrática. Reúne mulheres que não vêem canal de participação nos sindicatos ou em outros órgãos, e que gostariam de lutar para transformar a sociedade naquilo que ela tem de discriminatório contra a mulher e no que tem de opressor contra a humanidade em geral. "A idéia surgiu de várias pessoas que tinham uma compreensão do que seria um movimento feminista. Hoje há a necessidade deste tipo de Organização, pois o que temos é a Federação de Mulheres que congrega entidades, e não a mulher livremente, individualmente", diz Terezinha Vergo, 24 anos, advogada, membro do departamento jurídico e secretária de imprensa da União.

Segundo Jussara Cony, vereadora do PMDB e secretária geral do Movimento Feminista do PMDB, a importância da UMPA está nela representar uma forma de luta mais avançada neste momento de transição democrática que estamos vivendo. Ana Maria Rocha da Silva, psicóloga, membro da executiva do Movimento Feminino do PMDB, participante do Movimento Unitário da Mulher Gaúcha e secretária geral da UMPA, complementa dizendo que "não há democracia sem a participação da mulher que representa metade da população brasileira. Muitas delas ainda têm sua atuação restrita às tarefas do lar que, exigindo mais dela, acaba afastando-a da participação política, social e do trabalho social".

A União de Mulheres se apoiará, principalmente, nos grupos de mulheres de diversos setores da sociedade que se reúnem para discutir pontos de interesse de sua luta. Além do Núcleo do Partenon, que já existia e foi o embrião deste Movimento, já se formaram, espontaneamente, a partir de reuniões, o das bancárias, o das empregadas domésticas e o do Sarandí. "A União de Mulheres só terá condições de existir, estruturar-se e crescer a partir dos núcleos, e não somente ficar no jogo de cúpula de diretoria" — afirma Terezinha Vergo — "pois para podermos trabalhar, temos que saber o que está acontecendo em cada lugar".

Ainda em fase de estruturação e sem sede, a UMPA vem fazendo reuniões semanais, às segundas-feiras, às 19 horas, na Comissão de Saúde da Câmara Municipal. Tem participado de alguns eventos e atendido a solicitações, como foi o caso da vila Grande Cruzeiro. Lá as moradoras estavam ganhando pílulas anticoncepcionais que vinham em embalagens sem nome, que não continha bula, fórmula química, farmacêutico, nem laboratório responsável. Foi feito contato com a Comissão de Saúde da Câmara e o secretário da Saúde, Germano Bonow, fechou a clínica que distribuía os comprimidos.

Além disso, está sendo elaborada uma pesquisa que será lançada dia 26 de setembro. Ela abordará assuntos como educação, saúde, trabalho, orientação sexual, e a população alvo será as mulheres de Porto Alegre. Este levantamento, além de servir como subsídio para que a União desenvolva suas atividades da forma mais adequada, será entregue a todos os candidatos à prefeitura da Cidade. Assim elas pretendem levar ao conhecimento deles quais são as necessidades das mulheres, o que elas esperam do novo prefeito, independente de quem seja o escolhido.

Célia Regina Canani

Educação Criativa, da criança à fase adulta

O Centro de Educação Criativa "Vivendo e Aprendendo" e o resultado da iniciativa de 22 profissionais de diversas áreas, desde artistas até médicos. Eles estão reunidos em torno de uma idéia básica, que é a filosofia de prevenir antes de curar aqueles distúrbios de qualquer ordem que possam interferir na qualidade de vida da população.

As psicólogas Marta Vechio e Raquel Bertoni estão no Centro desde sua criação, em novembro de 84, e têm participado de importantes atividades adotadas por ele. "Nós procuramos dar atendimento a todas as faixas de idade, desde o recém-nascido até a pessoa de terceira idade", explica Marta.

Esse atendimento é veiculado na forma de programas específicos para cada necessidade. O recém-nascido e sua mãe podem aprimorar seu relacionamento praticando uma técnica milenar de massagens corporais, assimilada na Índia, que é executada em bebês a partir de um mês de idade. É a *Shantala*, uma atividade que proporciona ao bebê, ao mesmo tempo em que é massageado por sua mãe, um estímulo a todo sistema nervoso.

"As crianças recebem uma atenção especial do Vivendo e Aprendendo, por termos bem presente que elas são os adultos de amanhã, continua a psicóloga, "e os programas dirigidos a elas dão muita ênfase à criatividade e ao desenvolvimento de formas de expressão". As crianças do Vivendo e Aprendendo são orientadas de forma a criar autonomia e condições de prover as suas necessidades. Entre os programas oferecidos está uma oficina de teatro, ginástica e até culinária infantil. Segundo Raquel Bertoni, "elas adoram, e os pais dizem que os próprios hábitos alimenta-

res e a postura na mesa, das crianças ligadas a essa atividade, tem melhorado".

"A nossa geração, ela própria, ainda não resolveu seu conflito existencial. Como é que nós vamos ter condições de orientá-los?" Esta afirmação de Marta Vechio justifica, quase totalmente, a existência de muitos serviços dirigidos ao adulto. Sempre dentro da idéia de orientar para educar, existem programas visando o esclarecimento dos pais, dos avós, dos educadores, e até mesmo da babá.

Mas, talvez, o programa mais importante da faixa adulta seja o dirigido pela psicóloga Raquel Bertoni. "Casal grávido é um programa que parte de três módulos, "explica ela. "Primeiro se procura levantar o nível de comunicação entre o casal, abrangendo até seu relacionamento sexual. Num segundo momento é levantada toda a gama de dúvidas que possam existir, relacionadas desde a gravidez até o parto e aos cuidados com o bebê. E, por último, é feito todo um levantamento das perspectivas da família que vai se formar ou ser acrescida de mais um membro".

A terceira idade recebe do "Vivendo e Aprendendo" todo o carinho e respeito que merece. A proposta se mostra mesmo muito avançada, uma vez que sai do espaço físico do centro e são organizadas excursões e outras atividades sociais com os grupos.

O Centro de Educação Criativa Vivendo e Aprendendo é uma instituição comprometida com o processo social e tem métodos bastante democráticos da ação. O Centro funciona na rua Barão do Santo Ângelo, 33, e está aberto a todas as sugestões que venham ao encontro das necessidades de seus usuários.

Liege Schilling Copstein

Oficinas de Teatro abertas ao público no Museu do Trabalho

As oficinas experimentais de Teatro do Museu do Trabalho são um espaço onde vários grupos se reúnem para desenvolver trabalhos de aprendizagem, experimentação e produção, em todas as áreas.

"São um contato, não um curso onde se recebe tudo pronto e depois acaba. As pessoas desenvolvem seu trabalho aqui dentro", explica Julio Saraiva, membro da Agacem - Associação Gaúcha de Artes Cênicas - entidade que administra o Museu. Criadas inicialmente como uma forma de aperfeiçoamento dos artistas locais, as oficinas hoje são abertas à participação de qualquer pessoa, independente do conhecimento no assunto. Segundo Saraiva, o objetivo do trabalho desenvolvido pelo Teatro do Museu é a defesa da liberdade de expressão e manifestação da arte em todas as suas formas, incentivando os processos criativos, principalmente junto ao trabalhador.

A diferença estrutural entre os cursos tradicionais e as oficinas estão no processo experimental com um orienta-

dor, que não seria necessariamente um professor. Além disso, as oficinas não têm perspectivas de um fim, isto é, podem continuar indefinidamente, conforme a necessidade do participante. A oficina de dança, por exemplo, reúne há mais de um ano o mesmo grupo com um trabalho permanente de estudo.

Atualmente estão programadas as oficinas de teatro de bonecos, com enfoque amplo - desde o processo de criação até a manipulação e encenação -, oficina de acrobacias, poesia e artes plásticas. Para participar, os interessados pagam uma taxa irrisória, a título de colaboração. Exemplo disso foi o encontro dos músicos que vieram a Porto Alegre com Milton Nascimento, tendo o público pago apenas cinco mil cruzeiros. Ou uma oficina de música ocorrida quando Luiz Eça esteve na cidade, onde houve "toques" sobre harmonia, demonstração e muita conversa, também a preços acessíveis.

ESPACO DA COMUNIDADE

O Museu do Trabalho é re-

sultado do movimento desenvolvido há dois anos por diversas entidades que visavam à restauração e reutilização da Usina do Gasômetro, como forma de preservação da memória do trabalho e história da cidade, "de uma maneira mais dinâmica", conforme Julio Saraiva.

Como a Usina não foi recuperada, o governo do Estado cedeu três galpões, antigas garagens do Deprec, e surgiu o Museu do Trabalho. Num destes galpões foi adaptado o Teatro do Museu, tendo sido construído um palco com 125 metros quadrados, com cabine de luz e som, camarins e sanitários.

"As pessoas trabalham aqui sem receber nada em troca, a não ser a satisfação pessoal, pois não querem que morra este espaço vivo que se criou na cidade", esclarece Saraiva. "A Agacem abriu as portas do Teatro com a cara e a coragem, propondo-se a desenvolver um espaço de abrigo às diversas manifestações culturais, e também como alternativa para as entidades de classe e a comunidade discutirem seus problemas".

Cari Regina Lemos Rodrigues



Carmen Medeiros Reflexos

Desenhos de reflexos trans-figuram o saguão

O saguão de exposições do Centro Municipal de Cultura, na Érico Veríssimo, 307, mostrou a arte de Rosana Krug e Carmen Medeiros, ambas egressas do Ateller Livre da Prefeitura. Mais de 20 desenhos puderam ser apreciados ali, durante as duas últimas semanas de agosto.

"A televisão, os jornais já mostram a realidade, não me preocupo em passar uma mensagem através da minha obra", diz Carmen, que tremia os longos dedos ao explicar sua técnica, fumando, diante de quadros cheios de cores. Trabalha com a luz solar incidindo sobre garrafas, cristais e outros objetos. Dos objetos, aliás, quase não sobra nada: seus quadros são os reflexos que o sol refrata, multiplicando, fundindo frequências em infinitos arco-íris entrelaçados que vibram, pulsam. Muita cor. Só que, desalentada, ela olha o céu chuvoso e diz que nem sempre o tempo colabora. Seus quadros, como os de Rosana, custam entre 150 e 400 mil e muitos exibem, grafada à frente, já, a palavra "vendido".

Carmen fez História na PUC, mas não se encontra lecionando. Dois filhos, 35 anos, ela não vive da venda de seus quadros e se permite uma trajetória comercialmente arriscada porque não tem um referencial padronizado, embora não consiga concluir que sua produção seja de vanguarda. É original, pronto. Pretende agora, depois desta sua primeira saída da clandestinidade, desenhar a ação do sol sobre insetos, suas asas, a mpliando-os, desmembrando-os.

Rosana expõe fisionomias deformadas em vermelho, preto e branco. Poucas figuras sóbrias, cujos títulos são Trans-Figurações. Rostos irados, outros contentes, conversando, perplexos, fazendo caretas hipócritas uns para os outros e para nós. Utiliza, como Carmen, técnica mista e, como bem versa o prospecto de divulgação, seu traço é vigoroso, tenso e, acrescentaria, exato.

Dagoberto José Bordin



Rosana Krug Trans-Figurações

ESEF, nova opção nos fins de semana

A comunidade acaba de ganhar mais uma área de lazer para fins de semana. É o Campus Esportivo da Escola Superior de Educação Física da UFRGS, na rua Felizardo Furtado, que está aberto ao público desde o dia 20 de julho. A promoção é da própria ESEF e da PRUNI — Pró-Reitoria de Assistência à Comunidade.

Na programação "Fins de Semana na ESEF", a atividade tem caráter livre, mas é disciplinada por dois estagiários. A ESEF e a PRUNI oferecem material esportivo, ginásio, quadras e orientação, quando solicitada.

A iniciativa tem o objetivo de abrir uma área antes ociosa sábados, domingos e feriados, para atender às necessidades de lazer da comunidade. Um levantamento feito constatou que, em 1984, os três hectares de terreno foram usados em apenas 112 dias. Nesse local, podem ser desenvolvidas atividades como basquete, futebol de salão, futebol sete, atletismo, tênis, voleibol, jogging, aeromodelismo, pandorga, bicicleta e até piquenique. Quem vai definir essas opções são os usuários da área.

Conforme informações do estagiário Guilherme Castro, o local de maior procura tem sido a quadra de tênis. Como a ESEF dispõe de quatro quadras, com capacidade de, no máximo, 16 jogadores, o estagiário é sempre solicitado para disciplinar seu uso, dando chance de todos jogarem.

Para divulgar o programa, foram distribuídos panfletos e cartazes na Universidade, nos postos de gasolina e nos blocos de apartamentos e casas do bairro Jar-



Wellace Lehnemann

Esportes e lazer nas pistas da ESEF

dim Botânico. Nos primeiros fins de semana foi possível observar que a receptividade vem crescendo. No primeiro, compareceram 198 pessoas e, no mais ensolarado, 593.

Marco Paulo Stigger, técnico em assuntos educacionais e responsável pelo programa, informa que as escolas podem realizar gincanas e que existe a idéia de promover festivais a cada mês, como o da pandorga. Mais tarde, Stigger pretende aplicar um questionário aos participantes para saber se as atividades estão

atendendo aos interesses e poder, assim, receber sugestões e avaliar o trabalho desenvolvido.

PARTICIPAÇÃO

Entre os frequentadores desse campus esportivo nos fins de semana estão os acadêmicos Ronel Pinto e Adriana Neves, que consideram excelente a iniciativa de colocar a área à disposição da comunidade, tanto por proporcionar a prática de esporte, como também por oferecer experiência aos alunos de educação física.

Eles acham que poderia ser aberta a musculação, mediante uma pequena taxa. Ronel e Adriana consideram que os "Fins de Semana na ESEF" devem ser aproveitados como uma espécie de estágio onde os alunos poderiam utilizar seus conhecimentos dentro da própria escola, já que isso não descaracterizaria o sentido de lazer e poderia auxiliar as pessoas.

Ronel diz que toda promoção, todo programa que montarem em relação à prática de esporte, à recreação de uma maneira ge-

ral, tanto para a criança, o idoso e o jovem, vão ser benéficos e bem-vindos porque tendem a movimentar uma escola de educação física. A ESEF deveria ser um ponto de encontro para os estudantes, não só da ESEF como de toda a Universidade, e também para a comunidade em geral, pois está muito ligada à recreação".

EXPANSÃO DO PROGRAMA

Segundo o diretor da Faculdade, professor Mário César Cassel, apesar do programa estar carente de recursos financeiros, trabalhando com material bastante escasso, existe o desejo de expandi-lo. Para isso vai necessitar de maior número de funcionários e guardas.

O professor Cassel divulga que, a partir de setembro, o Curso de Especialização em Lazer e Recreação pretende realizar trabalhos de acampamento com crianças, que chegarão nos sábados e dormirão em barracas cedidas pelo Terceiro Exército. As inscrições dão preferência aos filhos de professores e funcionários da UFRGS e, também, à comunidade do bairro Jardim Botânico.

Entre os programas que estão em estudo, o diretor da ESEF salienta a possibilidade da população poder frequentar a escola durante os dias de semana, nas férias de dezembro, janeiro e fevereiro; e dentro do "Projeto Geração 21", a iniciativa de propiciar aos engraxates e outros meninos pobres o uso de piscina num programa de natação.

Carmen Lucia Ferreira da Silva

Comunidade pode treinar no Ginásio da Brigada Militar

O Centro de Educação Física e Desporto da Brigada Militar — CEFID — mais conhecido como Ginásio da Brigada, localizado na esquina da Av. Ipiranga com Silva Só, coordena as atividades físicas daquela corporação, organiza atividades esportivas, cursos, estágios e ensina defesa pessoal. Além disso, a partir de 1970, abriu seu Centro de Condicionamento Físico — CECOF — à comunidade, realizando ali um trabalho científico que tem por objetivo primordial a promoção da saúde.

A Brigada Militar não tem interesse na divulgação deste trabalho. Os motivos são simples: aquele centro tem esse serviço de atendimento à comunidade como atividade paralela junto às atividades dos militares, não tem fins lucrativos e pretende fazer um trabalho bastante individualizado — 400 pessoas já participam do condicionamento físico e a capacidade não permite um número muito maior.

O Ginásio foi construído para a Universidade, em 1963. Por ter sido feito em terreno da Brigada e ter usado operários da mesma organização para sua construção, ao final da competição foi doado para a Brigada Militar e transformado no órgão coordenador das atividades físicas de toda a corporação. O Centro atende tanto o pessoal militar do interior como da capital.

No final da década de 60, Eron Beresford, um oficial da Brigada,

preocupou-se em dar condicionamento físico também às esposas dos militares, e em função de oferecer melhor atendimento a essas senhoras foram contratados médicos, construídos vestiários e instalações mais apropriadas. Surgiu então a "Escolinha", inicialmente atendendo só familiares de membros da Brigada Militar. Depois de 1970, esse serviço foi aberto à comunidade em geral.

Trabalho Consciente

"O nosso objetivo é a busca da saúde corporal", explica o capitão Mauro Osório, subchefe do CEFID. "E por isso não aceitamos pessoas doentes ou com lesões, queremos pessoas sãs", completa ele. Para atingir esse objetivo, os professores de educação física do Centro de Condicionamento Físico — todos cedidos pela Secretaria de Educação — desenvolvem um trabalho "controlado e consciente, diferente daquele desenvolvido pelas academias, que se preocupam mais com a estética", diz o professor Telmo Campos, que há muitos anos desenvolve seu trabalho no Centro.

As características do trabalho do CECOF determinam o público que o frequenta. São aproximadamente 120 mulheres e 230 homens "com idade geralmente acima de 30 anos. São pessoas mais conscientes em relação à busca de saúde. O jovem ainda não se preocupa com isso, costu-

ma se exercitar buscando a forma física, a estética", afirma o capitão Osório.

Mesmo tendo um público de meia-idade, o CECOF não está fechado a outras idades. Podem frequentá-lo pessoas de 15 a 65 anos, "que não apresentam cardiopatias, problemas de pressão alta ou de coluna", diz Dona Cloé, que atende os candidatos a uma vaga no Centro. Depois de preencher um formulário com D. Cloé, o candidato paga uma taxa de Cr\$ 95 mil pelo exame médico e pela inscrição. A taxa mensal é de 35 mil, "para despesas de manutenção do Centro", conforme o Cap. Osório. O exame é um eletrocardiograma de esforço, realizado em esteira. Aprovado aí, o candidato, junto com todos os outros que realizaram o mesmo exame médico durante a semana, terão uma primeira reunião com o professor, na segunda-feira seguinte.

A reunião coloca aos novos participantes do Centro de Condicionamento Físico o objetivo do trabalho. São dadas orientações gerais quanto aos "fatores de risco" das doenças cardiovasculares e detalhes técnicos quanto ao modo como vai ser desenvolvido o trabalho.

Treinamento

Para atingir um bom condicionamento físico, o treinamento se divide em três fases. Toda a atividade tem acompanhamento nos



Condicionamento físico, a moda da saúde

horários das 7 às 11 horas e das 15 às 20 horas. Os alunos podem ir em qualquer horário, dentro desses períodos.

A primeira fase do treinamento consiste em atingir a meta de correr durante 30 minutos. Cada pessoa trabalha dentro de suas capacidades e necessidades, e o professor orienta e controla a frequência cardíaca do aluno. A corrida é realizada numa pista de 192 metros, dentro do ginásio. Após a corrida, desenvolve-se a "parte muscular", que já prepara os alunos para a fase seguinte.

A segunda etapa, que costuma vir após umas 18 sessões, em mé-

dia, consiste de treinamento aeróbico de 30 minutos, como na primeira fase, e depois ginástica feminina ou masculina, sendo que os homens também fazem musculação.

Na terceira fase, atingida após 30 ou 36 sessões, cerca de 4 meses de treinamento, pois as atividades se desenvolvem três vezes por semana, o aluno faz a manutenção do condicionamento físico atingido. De 6 em 6 meses, o aluno é reavaliado no teste de eletrocardiograma de esforço, e o resultado determina as modificações no seu treinamento.

Marta Gleich

AIDS

Enquanto a doença se espalha pelo país causando morte e medo, os moralistas aproveitam para "condenar" os culpados

Quando a vítima é o vilão da história

A Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida, AIDS, uma epidemia de proporções mundiais, com um índice de mortalidade de 100%, tem causado pânico entre os chamados grupos de pessoas com alto risco de contraírem a doença e arrancado declarações perigosas de bandos de fanáticos e moralistas.

Apontada por alguns como castigo de Deus, a AIDS está sendo usada como arma para deflagrar uma revolução de costumes que defende padrões de conduta radicalmente opostos aos surgidos na década de 60. Enquanto, nos Estados Unidos, os homossexuais se organizam contra os ataques dos puritanos e reivindicam mais verbas para a pesquisa de uma droga eficaz contra a doença, nos países do Terceiro Mundo, onde o preconceito não precisa de disfarces, a caça às bruxas começou.

No Brasil, a imprensa, ansiosa por noticiar novos casos (especialmente de gente famosa no meio artístico, como o ator Rock Hudson) tem dado espaço até para declarações absurdas, como esta do jornal "A Tarde" de Salvador: "Quando houve a peste suína a solução foi abater os porcos; portanto, a solução para acabar com a AIDS é abater os homossexuais". São opiniões que deixam as pessoas mais à vontade para remexer no baú dos preconceitos que antes mantinham cautelosamente fechado.

NÚMEROS E REALIDADE

Em São Paulo, onde, até julho deste ano, 133 pessoas morreram vítimas da AIDS, existe apenas o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS), que tem combatido os preconceitos em torno dos doentes denunciando, inclusive, alguns casos de demissões de homossexuais. Para os integrantes deste grupo, enquanto a boataria insistir que AIDS é coisa de homossexual, o resto da população se sentirá fora de perigo — e não está. Já se sabe que o contágio pode ocorrer através de uma transfusão de sangue contaminado e os heterossexuais que mantenham vários parceiros ao mesmo tempo não estão livres do risco de contrair a doença.

Em Porto Alegre, numa pesquisa realizada pelo jornal Zero Hora, entre as diversas classes sociais, uma média de 80% dos entrevistados demonstra já ter ouvido falar sobre AIDS. A respeito do modo de transmissão, 69% afirma que é através de relações sexuais, 48% pela transfusão de sangue, 9% pelos homossexuais e 11% não sabe explicar. No entanto, entre as explicações sobre o que é a doença, apenas 16% responde como Síndrome de Deficiência Imunológica.

Os grupos de risco e o perigo de contágio

A AIDS, ao contrário do que pessoas mal informadas podem pensar, não atinge unicamente aos homossexuais. É grande o número de casos entre hemofílicos, viciados em drogas e heterossexuais promíscuos, todos situados entre os chamados grupos de risco.

No caso dos hemofílicos, as chances de receber uma transfusão de sangue contaminado é bastante alta, pois eles recebem um concentrado de plaquetas feito com sangue de 1.000 doadores. Os médicos têm aconselhado o uso de um concentrado com menor número de doadores, como precaução.

Para uma doença, cujos primeiros casos no País foram detectados em 1982, e que já causou 181 mortes, o nível de informação é bom, considerando que a maioria sabe da existência da AIDS, mas péssimo, quando apenas 16% sabe explicar o que ela é.

ISOLAMENTO

O teste que mede a presença no sangue de anticorpos destacados pelo organismo para combater o vírus HTLV-3, tem sido apontado como um modo eficaz de impedir que transfusões de sangue contaminado provoquem mais casos. Mas os médicos alertam que o resultado positivo, ou seja, a presença do anticorpo HTLV-3, não garante que a pessoa tem o vírus ativo no organismo, nem se ela vai contrair a doença.

O que o teste mostra é que 70% das pessoas com resultado positivo têm chances de propagar a doença, através da relação sexual ou da doação de sangue. Mas somente de 5 a 10% vão ter AIDS.

Em Porto Alegre, o Hospital de Clínicas está realizando testes para detectar o anticorpo HTLV-3 entre os doadores de sangue. Segundo o chefe do Banco de Sangue, João Almeida Pereira, um impresso com esclarecimentos sobre a AIDS já está sendo distribuído entre os doadores.

Torna-se difícil avaliar até que ponto os portadores do anticorpo serão discriminados pela comunidade, entrando num processo de isolamento. Por outro lado, não informar a estas pessoas do risco de contaminação é uma irresponsabilidade.

PERSPECTIVAS

Tanto para os técnicos da Secretaria da Saúde do Estado, como para os funcionários dos hospitais, o que tem sido apontado como fundamental é a divulgação sobre os sintomas da doença e sobre a existência do teste de anticorpos.

Enquanto nos Estados Unidos e na França, pesquisadores buscam uma vacina contra a AIDS, no Brasil, o próprio Ministro da Saúde, Carlos Sant'Anna, considera a doença preocupante, mas não prioritária. Já os pesquisadores brasileiros classificam a posição do ministro de ilusória, pois a AIDS mata em pouquíssimo tempo e o número de casos tem dobrado a cada 10 meses.

As previsões para a descoberta da cura da AIDS são de mais ou menos quatro anos. Até lá o que se pode fazer é orientar a população, para evitar a propagação da doença e fornecer o maior número de informações esclarecedoras evitando que apareçam novos profetas da inquisição.

A contaminação por agulhas infectadas aparece como o terceiro fator de risco, segundo as estatísticas internacionais. A transmissão do vírus acontece porque, em geral, os usuários de drogas não esterilizam as agulhas usadas.

Quanto aos heterossexuais, não podemos esquecer que este grupo constitui "clientela" eventual dos homossexuais, travestis, bissexuais e prostitutas e que, portanto, quanto mais intensa for a troca de parceiros, maiores serão os riscos de contaminação.

Ânia Chala



DESTRUIÇÃO

A rede de TV ABC, dos Estados Unidos, fez em 1983 um documentário sobre a AIDS e seus efeitos. Na foto acima, aparece Kenny Ramsaur, homossexual de 32 anos, em maio de 1982, logo após o diagnóstico de AIDS. À direita, um ano depois, deformado pela doença, no dia de seu último aniversário



Homeopatia no INAMPS a partir de setembro

A Homeopatia, a Fitoterapia e a acupuntura serão as três primeiras áreas da medicina natural implantadas no atendimento da Previdência. Esse projeto, que está sendo elaborado pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, vai proporcionar à população um atendimento com medicamentos mais baratos e eficazes no tratamento de várias endemias e problemas comuns de saúde.

De acordo com o Dr. Sérgio Lamb, proprietário da tradicional farmácia e laboratório homeopático Van Der Laan, fundados em 1896, a implantação da medicina alternativa através do Inamps é um objetivo meritório; entretanto, cheio de problemas e obstáculos sérios a serem superados.

Desde o surgimento da homeopatia, em 1910, criada pelo médico alemão Samuel Hahnemann, este método vem tendo muito sucesso. Logo se expandiu para toda a Europa e os Estados Unidos, chegando ao Brasil no início do Século, explica o Dr. Lamb.

A Homeopatia é uma terapêutica baseada no princípio "Semelhante cura Semelhante", ou seja, produz uma reação antagônica utilizando matéria-prima natural, da qual 70% são vegetais e 30% são do reino animal e mineral.

Conforme o médico, para a homeopatia não existe doença, existe doente. O indivíduo é considerado como um todo psicossomático. O médico procura no paciente não só reações físicas biológicas, mas também características psíquicas. Em função disso, uma consulta com um médico homeopata é muito mais longa do que com o alopata.

Para o proprietário da farmácia Van Der Laan, não é verdadeira a afirmação de que a homeopatia é lenta e indicada para casos crônicos. Ela possui as vantagens e as limitações da alopatria, dependendo do

caso, tem ação rápida para casos agudos e ação positiva para os crônicos. O importante é que a homeopatia é considerada pela população como uma medicina alternativa, podendo conviver harmonicamente com a própria alopatria.

Dr. Lamb adverte para o abuso da palavra natural: "Existem fórmulas, remédios, que vem sendo prescritos por pseudo-homeopatas, e lançados através de canais do rádio e televisão, utilizando a medicina alternativa apenas como rótulo, causando transtornos psíquicos nas pessoas, uma vez que este tipo de medicina é conhecido por não possuir efeitos colaterais. Nós, homeopatas, não podemos permitir que a palavra homeopatia sirva para criar fantasias sobre a medicação".

Alguns anos atrás, a homeopatia era recitada por leigos, casas espíritas e raros médicos. Atualmente, com a divulgação das vantagens, a medicina alternativa vem ganhando terreno, e os médicos formados em medicina, com curso de especialização homeopática, tomaram conta do receituário. A consulta homeopática ainda é mais barata, e os remédios também, por serem preparados dentro das próprias farmácias e não por indústrias farmacêuticas nem com matérias-primas importadas.

Em relação aos projetos da implantação da medicina alternativa no Inamps a partir de setembro, Dr. Sérgio diz que os homeopatas estão interessados em colaborar com as autoridades competentes, que em boa hora enfocam a matéria. Para ele, um novo sistema de trabalho certamente há que ser questionado e adaptado. Afirma que é esperança de muitos ter na homeopatia, através da Previdência Social, uma cura mais simples, mais barata e natural, destituída de efeitos colaterais e uma medicação adequada às necessidades das camadas mais pobres da população brasileira.

Ana Cláudia Fossi Casimiro

Rádio da Universidade amplia programação

Mudanças vêm sendo feitas desde o início do ano, apesar da ausência de verbas.

Considerada uma emissora de estilo conservador, com audiência reduzida e fiel, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem mostrando pontos positivos na tentativa de diversificar sua programação. O compromisso de dinamizar a emissora foi assumido no início do ano pelo novo diretor Luiz Carlos Vergara Marques, que pediu o auxílio dos profissionais para o desenvolvimento do processo.

Alguns resultados já podem ser notados, com a criação de novos programas e o remodelamento de outros. Os serviços à comunidade também foram destacados como no caso da Previsão do tempo, dois boletins diários que vão ao ar ao meio-dia e à meia-noite.

O velho Boletim Universitário foi transformado em Universidade é Notícia, oito edições de duas notícias cada, transmitidas ao longo da programação. Nestes pequenos flashes constam informações sobre cursos, palestras, encontros, atividades culturais e outras de interesse da comunidade. As edições das 8h e das 12h30min são um pouco mais longas, contando, inclusive, com algumas reportagens.

NOVOS PROGRAMAS

Com a produção de Ilgo Winck e sob a coordenação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Direito, foi criada a série Os Filósofos — A Busca do Auto-conhecimento, um programa transmitido todas as quartas-feiras, às 21h, apresentando em 20 minutos um resumo do pensamento de cada grande mestre, desde os pré-socráticos aos mais atuais.

Estas séries de programas inseridas em horários já tradicionais de música clássica, programas culturais e edições do Sistema Nacional de Rádio Difusão Educativa (programas distribuídos para o país inteiro) vêm abrindo novas esperanças para o público jovem estudantil, um tanto esquecido. Com 70% da programação dedicada à música clássica e o restante a programas culturais diversos, a Rádio da Universidade tem apenas uma hora diária destinada à música popular brasileira. É o clube da Esquina, que vai ao ar das 6 às 7 da tarde. Além das informações musicais propriamente ditas, divulga ainda as atividades culturais da cidade. Entretanto, com uma discoteca precária, o programa sofre a concorrência do horário nobre das emissoras comerciais da FM.

Além, a perspectiva de inclusão de promoções comerciais já está sendo estudada, considerando-se o sucesso de "retorno" de audiência ocorrido com os

programas da série Cultura Contemporânea francesa.

Produzidos por Iara Kozenleski, com o auxílio da Associação de Professores de Frances do Rio Grande do Sul, estes programas apresentavam entrevistas com pessoas que tiveram sua formação complementada na França. Apenas um detalhe: o programa oferecia o sortelo de meia bolsa para o exterior. A passividade dos ouvintes da Rádio da Universidade foi sacudida e as pessoas passaram a procurar a emissora com mais frequência. O sucesso foi atingido e, terminado o primeiro módulo, a série deverá voltar até o fim do ano.

Com a supervisão da jornalista Iara Bendatti, o setor de jornalismo da Rádio da Universidade vem atuando com muito vigor. Profissionais e estagiários produzem programas das mais variadas áreas, como os já consolidados clube da Esquina, Pé no Chão (cultura gaúcha), Latimidade (ibero-americana), Cadernos do Mundo (atualidades), Espaço Arte e Bibliografia. Uma das criações mais recentes é o espaço dedicado aos antigos alunos da Universidade, onde o jornalista Paulo Buzatto realiza entrevistas com os representantes da Associação dos Antigos Alunos da Universidade, nome também dado ao programa.

O setor da discoteca, que participa conjuntamente da produção de programas (de cunho mais específico-música), também se renova e recentemente deu início, em convênio com a Federação de Coros do RS, à série Música Coral do Rio Grande do Sul. Os programas são apresentados aos domingos, às 21h.

DIFICULDADES

Com verba limitada, consequência da má distribuição dos recursos financeiros da União — especialmente em relação ao sistema de educação pública do país —, as dificuldades são encontradas principalmente junto ao equipamento técnico. Os transmissores são fracos e obsoletos, operando atualmente ao redor de seis quilovates. A discoteca de música gaúcha, MPB e latina precisa de urgente injeção de recursos, e alguns equipamentos menores (gravadoras, reprodutoras e pratos) necessitam ser trocados por modelos mais modernos.

Entretanto, com raras exceções, a Rádio da Universidade vem mantendo um alto nível de programação, prestando serviços à comunidade e com o espaço dado aos estagiários auxiliando na formação de novos profissionais.

Airton Seligman



João Otávio Ness

A Rádio da Universidade produz uma programação do mais alto nível

Liberdade FM: a opção nativista

Desde primeiro de setembro, a Rádio Liberdade FM (95.9 MHz), de Viamão, está transmitindo programas musicais nativistas durante as 24 horas do dia. É a primeira vez que uma emissora de frequência modulada dedica 100% de sua programação à música nativa. Esta iniciativa faz parte de um projeto que vem sendo posto em prática gradativamente nos últimos meses pela emissora viamonense.

A proposta inicial da Rádio não era a de se tornar exclusivamente nativista. Quando foi criada, em 1984, o espaço destinado ao nativismo era de apenas 1h30min por dia. No restante da programação tocavam-se músicas variadas, como na maioria das FMs. Após algum tempo, constatou-se que a audiência no horário destinado à música nativa era mais significativa que no restante da programação. Esta constatação foi o primeiro passo para a adoção de uma nova filosofia na emissora. Os horários destinados à chamada "música gaudéria", foram aumentados aos poucos, como forma de avaliar a reação do público e dos anunciantes.

Um dos maiores responsáveis por esta iniciativa pioneira é Délvio Oviedo, comunicador ligado ao movimento nativista que trabalha na Liberdade como locutor e chefe de programação. Ele revela que à medida que a Rádio aumentou o horário destinado ao nativismo, o público ouvinte cresceu consideravelmente, o que se refletiu nos anunciantes. Isto provou a viabilidade comercial da emissora nesta nova linha.

PORTA-VOZ

Desde julho último, toda a programação da Liberdade está voltada para a música nativa. Oviedo afirma que a emissora já conseguiu formar uma imagem de "porta-voz" da cultura gaúcha, visto que é a única preocupada efetivamente com os valores regionais. Na verdade, não são apenas

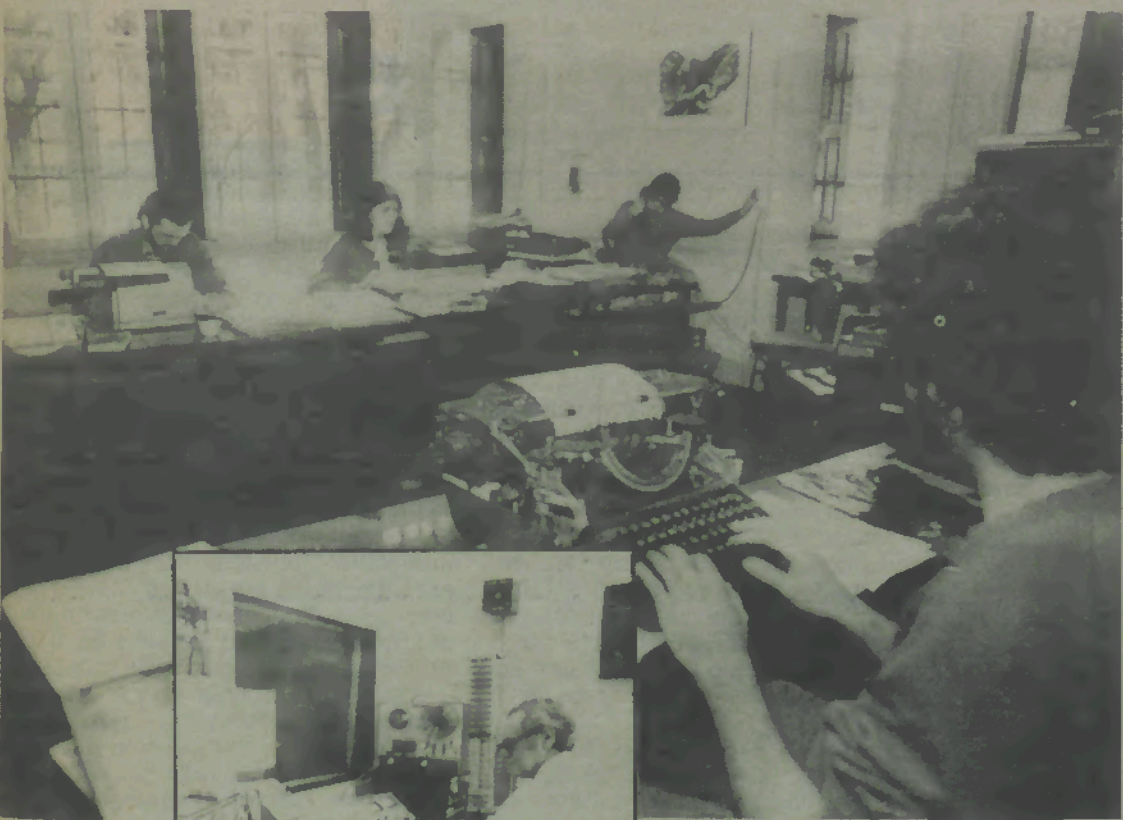
músicas gaúchas que tocam na Rádio. Dentro de uma visão de nativismo sul-americano são apresentadas músicas argentinas e uruguaias. Segundo Délvio, "aquilo que é feito nas três pátrias — Argentina, Uruguai ou Rio Grande do Sul — tem uma raiz comum entre si, é tudo da mesma raça".

Oviedo se mostra muito otimista com relação ao futuro da Liberdade FM. Para ele, a emissora está atingindo um público muito bom e bem selecionado (classes A e B). Financeiramente a situação é confortável, devido ao bom número de anunciantes. Oviedo concorda, porém, que existem ainda certos problemas técnicos, normais em uma emissora que está se afirmando e não dispõe de muitos recursos. Contudo, as providências para a melhoria do som da Rádio estão sendo tomadas. Atualmente, pode-se sintonizar a Liberdade FM em, praticamente, toda Grande Porto Alegre, mas com uma qualidade de som nem sempre perfeita.

Para o futuro, é plano da emissora a transmissão ao vivo dos festivais de música nativa como o Musicanto, a Califórnia e outros. A programação atual já inclui um horário destinado unicamente às músicas provenientes destes diversos encontros de arte que ocorrem no Rio Grande do Sul. Com isto, a Rádio colabora também na valorização do músico gaúcho, criando para ele um espaço efetivo.

Os apreciadores do nativismo têm na Liberdade FM a oportunidade de ouvir suas músicas a qualquer hora do dia, e os que gostam de música de um modo geral podem, nesta emissora, ouvir um gênero musical diverso daquele veiculado nas outras rádios. Talvez resida aí uma das causas deste sucesso inicial da nova programação da rádio de Viamão. Segundo um "slogan" da própria Liberdade, ela é "alternativa como o gaúcho gosta".

José Alberto Santos de Andrade



João Otávio Ness

O setor de jornalismo conta com profissionais e estagiários que lutam contra as dificuldades de um equipamento precário

Inverno 85: o calor fora de época redefine o cenário porto-alegrense

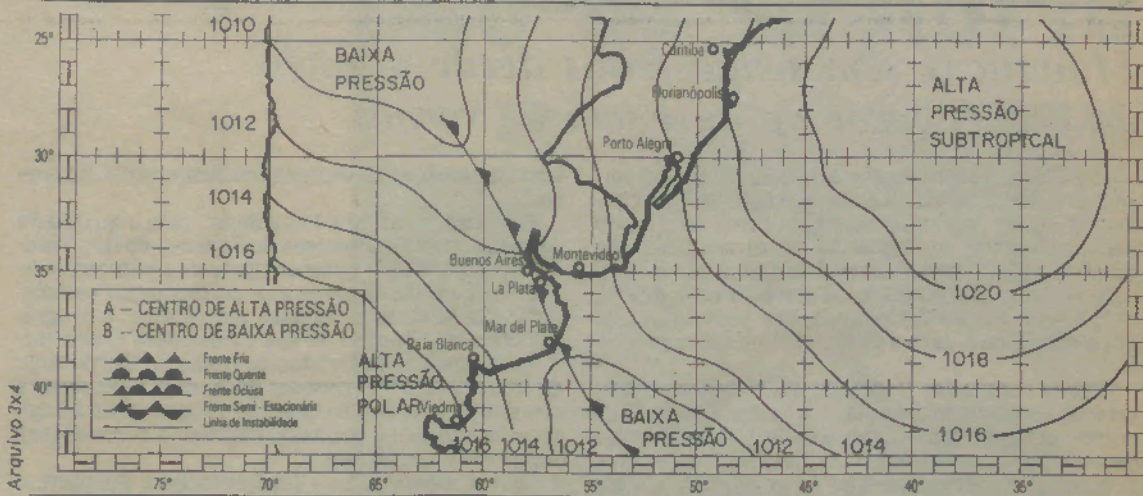
Somente no mês de agosto é que esse quadro foi alterado. As temperaturas caíram e a instabilidade veio acabar com o inverno-verão gaúcho.

Depois de anos seguidos com muita chuva e frio, o inverno chegou trazendo calor e mudando os hábitos, e a paisagem porto-alegrense. Em pleno rigor da estação — junho e julho — passaram a ser imagens habituais os parques lotados, o banho-de-sol, o chope gelado. A própria vegetação respondeu de forma diferente às temperaturas de em média 25°C: galhos secos — característicos do inverno — misturam-se a árvores floridas, numa verdadeira antecipação da primavera.

Quais foram os fatores que determinaram essa mudança climática? Segundo Custódio Simonetti, previsor do 8º Distrito de Meteorologia, o que ocorreu foi uma inversão no esquema climático de toda região sul do País: enquanto em invernos passados o comum era a ocorrência de longos períodos de frio, alternados com chuvas e uns poucos dias de calor, em 85 sempre houve a predominância das altas temperaturas. O clima apresentou-se muito quente e seco, especialmente em julho, devido ao estacionamento de um sistema de alta pressão na costa sudeste do Brasil. Esse sistema estacionário, situado no Atlântico,

permitiu que o ar quente das regiões tropicais chegasse até o Sul, causando um enfraquecimento nas massas de ar provenientes da Argentina, e a manutenção de temperaturas de até 30° C.

Mas as explicações para a ocorrência do "inverno-verão" não param por aí. Existem teorias que apontam o frio do Hemisfério Norte (neve na Europa) como causa para o aquecimento no Sul. "Há de certa forma uma equivalência entre as massas de ar, fenômeno explicado pelo próprio sistema de circulação aérea. É como se houvesse uma troca de fluxos: os ventos frios se transferiram para o Norte e os quentes para o Sul, numa verdadeira "relação dialética" entre os agentes da natureza", diz Simonetti, argumentando que os movimentos de massa são os maiores responsáveis pelas bruscas mudanças de temperaturas. Ele exemplificou citando a queda de neve no Rio de Janeiro, uma cidade de clima extremamente quente. Na capital gaúcha, somente em agosto é que as chuvas chegaram e mesmo assim não houve grande queda de temperatura.



Diferença de pressões eleva a temperatura a 30°C em 6 de agosto

Reflexos econômicos

Se por um lado a alteração climática trouxe para o morador de Porto Alegre uma nova relação com a sua cidade, no período de inverno, do ponto de vista econômico essa mudança pegou muita gente desprevenida. Para a agricultura gaúcha, por exemplo, o calor não trouxe benefícios. As suas principais culturas — o trigo e a soja — foram prejudicadas pelo clima quente; contudo, a ausência de chuvas, em junho e julho, atenuou os efeitos das altas temperaturas.

Os maiores prejuízos, no entanto, foram registrados no setor do vestuário. A pouca procura por roupas de lã fez com que comerciantes menos prevenidos ficassem com seus estoques praticamente intactos.

Nas Lojas Garça, da Protásio Alves, o prejuízo foi menos sensível porque a variedade de

mercadorias oferecidas é maior. "Tivemos muita sorte. Reduzimos o quadro da moda, a liquidação entrou no prazo certo e não tivemos maiores problemas", afirma Irene Araújo, chefe do setor de moda da empresa.

Na Casa Lú, da Azenha, que promove as liquidações mais concorridas da cidade, os resultados não foram os mesmos nesse ano. "Até as famosas filhas não aconteceram. É claro que o poder aquisitivo baixou, mas o inverno não colaborou nas vendas. O pessoal chegava aqui pedindo roupas da mala-estação", conta Neusa Martins, que é vendedora da seção feminina da loja.

Essa dificuldade em prever o clima do Rio Grande do Sul, que já trouxe prejuízos inclusive ao patrimônio cultural de Porto Alegre (vide Auditório Araújo Vianna), não é um fa-

recente. Já em 1854, Joseph Hormeyer, no livro *Descrição da Província do Rio Grande do Sul*, prevenia aos imigrantes alemães que viessem para o Estado:

"O ar daqui é, mesmo em julho e agosto, tão agradável que de dia as pessoas podem se movimentar em roupas leves; contudo, ao entardecer, devem se vestir com precaução, devido às aqui tão frequentes e fortes variações de temperatura. O calor no inverno pode chegar a 30° C, apenas vamos aconselhar amigavelmente ao imigrante alemão a trazer um fogão de ferro, apropriado tanto para aquecer como para cozinhar..."

Com prejuízos ou não, o inverno está terminando e para saber se o calor vai continuar, só esperando para ver...

Sábado também tem Brique



Wallace Lehnemann

Expositores esperam o mesmo sucesso

O tradicional Brique da Redenção, além da costumeira exposição de domingo, acontecerá também aos sábados, a partir de agosto. Esta foi a decisão da comissão de expositores, para enfrentar as constantes chuvas dos meses de inverno.

A Feira, que se realiza há mais de sete anos, tornou-se roteiro turístico da cidade. Todo domingo recebe centenas de pessoas, que vão em busca de um lugar arborizado e de lazer, ao mesmo tempo em que têm oportunidade de apreciar desde antigüidades até os demais exóticos trabalhos de acabamento artesanal.

Porém, em épocas de chuva a Feira é prejudicada, ficando, por vezes, até três semanas sem se realizar; o que é uma perda para visitantes e, também, para os expositores, muitos dos quais vivem do retorno comercial que as vendas representam.

Por esta razão, os expositores, que são mais de trezentos, estão botando em execução um plano de feira aos sábados, no período da tarde. Segundo a opinião geral, a idéia é interessante e pode ser bem aproveitada. Para isso precisa contar com o apoio da SMIC (Secretaria Municipal de Indústria e Comércio), no sentido da manutenção e divulgação do espaço.

Para Luis Carlos Kovalski, artista plástico que trabalha na Feira há mais de três anos, ela pode ser ampliada e bem mais divulgada, assim como ocorre em cidades do mundo inteiro, onde a exposição de antigüidades e objetos de arte é valorizada e incentivada. A Feira de Munique, por exemplo, é roteiro obrigatório para todo turista que visita esta cidade alemã.

Já o artista plástico Idefonso Cesar, que vive exclusivamente da venda de seus quadros a óleo, espera que a Prefeitura dê apoio à iniciativa dos expositores de trabalharem também aos sábados, desenvolvendo a infraestrutura do Brique com a instalação de sanitários e bebedouros (e ainda iluminação, para o seu prolongamento até a noite, nas vésperas de feriado).

O ROTEIRO DA ARTE

Entrando na Avenida José Bonifácio pela João Pessoa, o visitante começa assistindo a uma vasta mostra de antigüidades, moedas, selos, discos, livros e os mais curiosos objetos raros. Em seguida, o roteiro continua na terceira quadra da Avenida com a exposição de artistas gaúchos, escultores, escritores, pintores e experimentalistas da arte em geral. A ter-

ceira etapa do Brique, que termina na Osvaldo Aranha, é ocupada pelos tapeceiros e artesanato.

Enfim, a Feira da Redenção é um roteiro cultural da cidade, onde o visitante pode encontrar de tudo, no qual se reúnem intelectuais e artistas para pactuar experiências com seu público, além de venderem, é claro, seus trabalhos de arte.

"Curioso e místico". Assim a advogada e frequentadora Clarice Dávila classifica o público que frequenta o Brique, ponto eclético de Porto Alegre, onde circulam artistas, políticos, intelectuais, músicos, hare-krishnas e excêntricos em geral. Um espaço que cresce e toma fôlego, intensificando um fluxo comercial paralelo ao sistema industrial e produtivo de massa.

Quando da recente greve dos professores e servidores estaduais, a Feira foi palco de variadas manifestações de conscientização popular e de união das classes trabalhadoras, o que comprova o seu enraizamento no processo cultural da cidade.

Pelo que o Brique da Redenção significa para a comunidade porto-alegrense, a expectativa é de que os planos de ampliação passem a ser realidade no mais curto espaço de tempo.

Angelo Luiz Poletto Mendes

